



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA - UniCEUB
INSTITUTO CEUB DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO - ICPD

CHRISTIANE DO REGO MONTEIRO FERREIRA

**REVISTA *VIDA SIMPLES*:
DISCURSO E MULTIMODALIDADE**

BRASÍLIA
Outubro de 2006

CHRISTIANE DO REGO MONTEIRO FERREIRA

**REVISTA *VIDA SIMPLES*:
DISCURSO E MULTIMODALIDADE**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu*, na área de Língua Portuguesa, Texto e Discurso.

Orientadora: Professora M.Sc. Maria Aparecida Silva de Abreu.

BRASÍLIA
Outubro de 2006

RESUMO

Este estudo tem como **tema**: os efeitos de sentidos, numa perspectiva discursiva multimodal — textos verbais e visuais —, na revista *Vida Simples*. O **objetivo geral** é mostrar como os conceitos da Análise do Discurso, aliados a uma visão semiótica do texto, são essenciais para a construção dos sentidos e seus efeitos, no gênero discursivo em análise e em qualquer outro, considerando-se que o texto se realiza na multimodalidade da linguagem, amplamente expressa nas páginas da revista. Os **objetivos específicos** são os seguintes: dimensionar a importância da imagem para os efeitos de sentido, como mecanismo para atrair a atenção do interlocutor e com ele estabelecer um vínculo, uma relação; e identificar, a partir da análise das transformações que a revista vem sofrendo no decorrer do tempo, os discursos, vozes e sujeitos-leitores presentes, ainda que implicitamente, nas páginas da revista. Esta pesquisa tem como base preceitos da Análise do Discurso e, nessa perspectiva, estudos sobre Multimodalidade. A elaboração do trabalho se faz, então, a partir da leitura e da reflexão de textos teóricos sobre Análise do Discurso, Semiótica e Multimodalidade, entre outros, para a formulação dos conceitos a serem utilizados na análise. Considerando-se que o discurso multimodal tem recebido uma importância cada vez maior na sociedade contemporânea e que é por meio da imagem que se estabelece a primeira interação pela linguagem, a escolha de *Vida Simples* como *corpus* de análise ocorre em função de sua apresentação visual ser bastante elaborada, de haver boa comunicação entre imagem e texto e de se perceber nela uma atenção especial em relação à estética e ao “como se diz”. Observa-se um raro cuidado na escolha e na organização dos elementos que interagem nas páginas da revista para produzir efeitos de sentido. Foram selecionados alguns exemplares mais antigos da revista, em contraposição a alguns mais recentes, a fim de se fazerem considerações a respeito das mudanças ocorridas no que se refere à imagem, à escrita e à relação com os leitores. Por fim, faz-se uma leitura multimodal, entre várias possíveis, em que são analisados os efeitos de sentido decorrentes da atuação, em conjunto, de diversos modos de representação existentes no discurso.

Palavras-chave: 1. Análise do Discurso; 2. Multimodalidade; 4. Efeitos de sentido.

ABSTRACT

This study's **theme** is the meaning effects in a multimodal discursive perspective — verbal and visual texts — in the magazine *Vida Simples*. The **general goal** is to show how the concepts of the Discourse Analysis, allied to the semiotics of the text, are essential for the construction of the meanings and its effects in the discursive gender in analysis or in any other, considering that the text realize itself in the multimodality of the language, amply expressed in the pages of the magazine. The **specific goals** are the following: indicate the importance of the image for the meaning effects, as a mechanism to attract the attention of the interlocutor and establish a link, a relation with him; and identify, from the analysis of the transformations that the magazine has been suffering in the course of time, discourses, voices and present subjects-readers, despite implicitly, in the pages of the magazine. This research is based on precepts of the Discourse Analysis and, in this perspective, studies about multimodality. This work is made of the reading and the reflection of theoretical texts about Discourse Analysis, Semiotics and Multimodality, among others, and aims to formulate the concepts to be used in analysis. Considering that multimodal discourse has received a greater importance in contemporary society and that the first interaction with the language is through image, the choice of *Vida Simples* as *corpus* of analysis occurs because of its very elaborated visual presentation, its good communication between image and text and its special attention to esthetics and to “how do you say that”. There's a rare care in choice and organize the elements that interact in the pages of the magazine to produce meaning effects. Some older editions of the magazine were selected to be compared with more recent ones, in order to make considerations about the changes occurred in special on image, writing and the relation with the readers. Finally, among many kinds of reading, the multimodal reading is done and the meaning effects resulting from acting are analyzed with the diverse ways of representation in the discourse.

Keywords: 1. Discourse Analysis; 2. Multimodality; 3. Meaning effects.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	5
INTRODUÇÃO	6
1 ANÁLISE DO DISCURSO E MULTIMODALIDADE	11
1.1 A Análise do Discurso.....	11
1.1.1 Os efeitos de sentidos	14
1.1.1.1 As condições de produção	15
1.1.1.2 A paráfrase e a polissemia	17
1.1.1.3 A metáfora	18
1.1.2 A interferência do sujeito	19
1.1.3 O texto	25
1.1.3.1 O texto verbal	25
1.1.3.2 O texto visual.....	27
1.1.3.3 A multimodalidade	32
2 ANÁLISE	40
2.1 A apresentação do <i>corpus</i>	40
2.1.1 Os textos visuais	44
2.1.2 A escrita.....	51
2.1.3 A relação com os leitores.....	56
2.1.4 Uma leitura multimodal.....	61
CONCLUSÃO.....	70
REFERÊNCIAS	76
ANEXO 1 — Carta dos leitores 1.....	78
ANEXO 2 — Carta dos leitores 2.....	79
ANEXO 3 — Onde está o anão?.....	80
ANEXO 4 — Onde está o anão de novo?.....	81

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pequenos itens cotidianos.....	44
Figura 2: Paisagem de um beco com céu ao fundo.	45
Figura 3: Menina na corda.....	46
Figura 4: Sozinho e feliz.....	47
Figura 5: Horta e reciclagem em latas de azeite de oliva.....	49
Figura 6: Vaquinha entalhada em berinjela.....	50
Figura 7: Conjunto de capas da primeira fase da revista <i>Vida Simples</i>	61
Figura 8: Conjunto demonstrativo do novo conceito de capas da revista <i>Vida Simples</i>	62
Figura 9, 10 e 11: Onde está o anão?	65
Figuras 12, 13 e 14: Mulher grávida	67
Figuras 15, 16 e 17: Carro fazendo baliza.....	67
Figuras 18, 19 e 20: Fotografias de editores e colunistas.....	68

INTRODUÇÃO

Conhecimentos de Lingüística, especialmente de Análise do Discurso, podem modificar a visão das pessoas sobre os textos em geral e levá-las a vislumbrar com outros olhares os fenômenos lingüísticos. Dessa forma, uma revista, que anteriormente poderia ser lida de forma passiva, passa a ser objeto de novas leituras, muito menos superficiais e, logicamente, mais profundas e críticas.

Os mesmos textos jamais serão lidos com os mesmos olhos leigos após o estudo de conceitos como multimodalidade, linguagem verbal e visual, interdiscursividade, signo e significação, ideologia, constituição de sujeitos e construção de sentidos. Considerando-se a linguagem no sentido amplo e o texto sob um enfoque multimodal, a revista *Vida Simples* é um campo de análise extremamente rico para o estudo desses conceitos. Foi essa a razão para a escolha do **tema** deste trabalho: os efeitos de sentidos, numa perspectiva discursiva multimodal — textos verbais e visuais —, na revista *Vida Simples*.

A escolha de uma revista como objeto de análise deve-se ao fato de ser esse um gênero discursivo que bem representa a linguagem no cotidiano, no social, além de suas inúmeras marcas multimodais. Por esse motivo, os fenômenos sociais aparecem como pano de fundo da análise feita no Capítulo 2, terceira parte deste trabalho. É possível observar como valores, relações e sentimentos são representados nos discursos e como se manifestam neles as mudanças decorrentes do contexto histórico e social em que se vive e das condições de produção de cada período.

Vida Simples, revista publicada mensalmente pela Editora Abril e objeto desta investigação, tem como subtítulo “*para quem quer viver mais e melhor*” e aborda temas

relacionados a bem-estar, qualidade de vida, saúde, espiritualidade, terapias orientais, natureza, cidadania, consciência planetária. Propõe uma mudança de postura, uma vida mais ligada à natureza, menos tecnológica, voltada, de certo modo, a um estilo de vida do passado. Exalta, por exemplo, a carta escrita à mão, enviada pelo correio, a roupa feita por alfaiate, a moradia em vilas, além da horta no jardim.

Trata-se de uma releitura do que já foi a vida em um passado não muito remoto e de uma vida até hoje vivida em inúmeras pequenas cidades brasileiras, acrescida das transformações decorrentes da tecnologia. A revista funciona como um incentivo a uma nova maneira de viver, inspirada num modo anterior de vida, que já está, nas grandes cidades, esmaecido pela tecnologia e correria da pós-modernidade.

Ademais, considerando-se que uma visão discursiva multimodal dos textos tem recebido atenção cada vez maior na sociedade contemporânea; considerando-se que a primeira interação é realizada via imagem; aceitando que a imagem comunica ludicamente e que, juntamente com a manchete, é o ponto de partida da leitura, a escolha de *Vida Simples* como objeto de análise ocorreu em função de sua apresentação visual ser bastante elaborada, de haver boa comunicação entre imagem e texto, de se identificar nessa revista uma atenção especial em relação à estética, ao “como se diz”.

Observa-se, nessa revista, um cuidado na escolha e na organização dos elementos que interagem no texto para produzir sentidos. Nas ilustrações, há criatividade, sensibilidade e humor. *Vida Simples* difere-se de outras publicações do gênero por não ter suas páginas cobertas por manchas gráficas e preenchidas por fotos. Como diz o próprio editor, “cada espaço em branco foi escolhido conscientemente”. O vazio deixado, o espaço não-ocupado também significa e não pode ser desconsiderado na leitura.

A investigação da intencionalidade do sujeito-autor também merece ser feita, assim como, conseqüentemente, a imagem que ele constrói da identidade do sujeito-leitor. Não se sabe ao certo se a equipe que edita a revista pretende realmente motivar uma mudança de atitude ou apenas levar o leitor a desfrutar bons momentos, a realizar-se no campo do desejo, por intermédio da leitura, desfrutando de uma satisfação temporária. O autor, portanto, é aqui considerado uma função-autor, cujo papel desempenhado remete discursivamente a toda a equipe que cuida da produção e da publicação da revista, mas não se confunde com ela, visto que está inscrito na linguagem. De qualquer modo, a revista *Vida Simples* exerce uma função social: oferece alternativas e possibilita o acesso a diversas maneiras de se viver.

O **objetivo geral** deste estudo é mostrar como os conceitos da Análise do Discurso, aliados a uma visão semiótica do texto, são essenciais para a construção dos sentidos e seus efeitos, no gênero discursivo em análise e em qualquer outro, considerando-se que o texto se realiza na multimodalidade da linguagem, amplamente expressa nas páginas da revista. Os **objetivos específicos** são os seguintes: dimensionar a importância da imagem para os efeitos de sentido, como mecanismo para atrair a atenção do interlocutor e com ele estabelecer um vínculo, uma relação; e identificar, a partir da análise das transformações que a revista vem sofrendo no decorrer do tempo, os discursos, vozes e sujeitos-leitores presentes, ainda que implicitamente, nas páginas da revista.

No que se refere à **fundamentação teórica**, a análise se realiza considerando os diferentes modos de representação na comunicação e as diversas formas de realização dos sentidos. Visto que este estudo se presta a uma análise multimodal do texto, a acepção de texto utilizada aqui é a defendida pela Semiótica e aceita também pela Análise do Discurso. Considera-se, então, como texto, tudo o que provoca efeitos de sentido (cf. Santaella, 2006): imagem, espaços vazios, tipo e tamanho de fonte, além, é claro, da escrita. Nessa perspectiva,

o estudo terá como base preceitos da Análise de Discurso (Orlandi, 2000, 2005a e 2005b, e Brandão, 2004); da Semiótica peirciana (Santaella, 2006) e da Multimodalidade (Rocha, 2005). Serão também utilizadas definições elaboradas por Koch (2002 e 2004) e por Geraldi (1997).

As questões de pesquisa são:

1. De que modo, na revista *Vida Simples*, o texto visual aliado ao verbal funciona como efeito de sentido e é usado como mecanismo para atrair a atenção do interlocutor e para estabelecer um vínculo com ele?

2. A partir das transformações que a revista vem sofrendo no decorrer do tempo, quais são os discursos, vozes e sujeitos-leitores presentes, explícita ou implicitamente, nas suas páginas?

O trabalho é elaborado a partir da leitura de livros teóricos sobre Análise de Discurso, Semiótica e Multimodalidade, entre outros, para formulação dos conceitos a serem utilizados. O objeto do estudo se constitui de diversos exemplares da revista *Vida Simples*, nos quais são observados os textos visuais, os textos verbais, a relação com os leitores e algumas transformações ocorridas no decorrer do tempo.

Esta é uma pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativo, cujo método de abordagem é dialético. A metodologia de análise, no que se refere às imagens investigadas, é a observação de quatro ilustrações do interior da revista, a comparação entre a capa de uma edição mais antiga e a capa representativa de uma nova concepção de capas adotada pela revista e o exame das fotos dos editores. Em relação à escrita, são considerados quatro fragmentos de reportagens e aspectos como o uso da primeira pessoa pelos autores e a utilização de verbos no imperativo. Já a relação com os leitores é analisada por meio da seção

de cartas dos leitores, do editorial e de um trecho de reportagem. A análise culmina com uma leitura multimodal, em que são feitas comparações, de um modo geral, entre 5 capas de exemplares mais antigos e 5 capas representativas da nova concepção de capas da revista e são analisados 4 conjuntos de figuras. Na primeira seção do Capítulo 2 estão especificadas as edições da revista nas quais se encontram as imagens analisadas.

É importante ressaltar que a análise não se pretende exaustiva. O que se busca, por meio deste estudo, é despertar o interesse por uma leitura mais ampla, que tenha em conta os mais diversos mecanismos de linguagem e a multimodalidade das formas de representação. É importante exercitar o olhar para trilhar um caminho aberto à significação. Chama-se a atenção para a necessidade de expandir as perspectivas, ampliar as possibilidades, aguçar a sensibilidade, alargar as percepções, na tentativa de melhor compreender os signos que se proliferam pelo mundo.

Este trabalho se divide em quatro partes: esta Introdução aponta a perspectiva textual, estabelecendo os objetivos e as questões de pesquisa, a metodologia e o *corpus*; a segunda parte – Capítulo 1 – trata da teoria que fundamenta a investigação, como os conceitos de efeitos de sentido, sujeito, multimodalidade textual e outros; a terceira parte – Capítulo 2 – é a análise do *corpus* com base nos conceitos teóricos estabelecidos; e a quarta e última parte é a Conclusão, que mostra as considerações finais do trabalho, quanto à investigação feita.

1 ANÁLISE DO DISCURSO E MULTIMODALIDADE

O presente capítulo tem por objetivo apresentar os conceitos mais relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Por se tratar da análise de uma revista sob uma perspectiva discursiva, com uma abordagem multimodal, torna-se fundamental discorrer sobre a Análise do Discurso, abordando conceitos como os de efeitos de sentido, sujeito, texto e multimodalidade. É isso que se faz aqui.

1.1 A Análise do Discurso

Disciplina relativamente recente, a Análise do Discurso começou a se desenvolver no final da década de 60, a partir da confluência de três áreas do conhecimento: a Semântica, a Filosofia e a Sociologia. A partir de então, a relação da linguagem com a sua exterioridade ganha grande dimensão e passam a ser considerados os processos e as condições de produção da linguagem, o contexto sócio-histórico, o contexto ideológico, a relação entre os sujeitos e as situações em que se produz o dizer.

Essa disciplina defende que os dizeres são afetados por dizeres que se constituíram ao longo da história. Considera-se, numa análise discursiva do texto, o dito, o não-dito, o como é dito e o já-dito em outros dizeres. A historicidade da linguagem, como também o contexto de produção do texto e da leitura, passam a ser vistos como fundamentais para a produção dos sentidos.

O que interessa para a Análise do Discurso é, pois, o funcionamento da língua para a produção de sentidos. Como diz Orlandi (2005a, p. 25), “na perspectiva discursiva, a linguagem é linguagem porque faz sentido. E a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história.”. Ela salienta que o funcionamento da linguagem põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história (ORLANDI, 2005a, p. 21).

Para a Análise do Discurso, a linguagem é interação, é lugar de confronto ideológico. A língua é a base material sobre a qual se desenvolvem os processos discursivos, é possibilidade do discurso, e o discurso é prática social, é efeito de sentidos entre locutores, é constituição de sujeitos, efeitos e produção de sentidos.

Outro conceito que merece destaque do ponto de vista discursivo é o de ideologia. Pêcheux (apud ORLANDI, 2005a, p. 17), um dos estudiosos mais relevantes da Análise do Discurso, considerado seu criador, afirma que “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido”. Orlandi (2005a, p. 17) complementa: “O discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia”. Diz, ainda, essa autora que “a ideologia é a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos” (2005a, p. 46).

A noção de ideologia em Análise do Discurso está relacionada à de formação discursiva. Entre as importantes contribuições que Foucault (apud BRANDÃO, 2004, p. 38) — um dos filósofos em cujo trabalho se inspirou Pêcheux — prestou para a Análise do Discurso está o conceito de formação discursiva, por ele concebido. Conforme afirma Brandão (2004, p. 38), “são as formações discursivas que, em formações ideológicas específicas e levando em conta uma relação de classe, determinam o que pode e deve ser dito, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura dada”.

Não é, portanto, no dizer em si nem nas intenções de quem diz que o dizer faz sentido, mas na sua relação com as condições de produção, com a memória, com determinada formação discursiva. O que o texto faz, na verdade, dada a historicidade da linguagem e a sua própria constituição, é provocar determinados efeitos de sentido, que podem ser captados de muitos modos pelos leitores, de acordo com as próprias condições de produção da leitura e com sua determinação ideológica. Como diz Orlandi (2005a, p.42), o sentido “é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas”. E conclui a autora (2005a, p. 43): “os sentidos sempre são determinados ideologicamente”.

O sujeito-autor, instalado em uma formação discursiva, é interpelado pela ideologia a dizer determinadas coisas e não outras, escolhendo, para isso, certas palavras e não outras. Do mesmo modo, o sujeito-leitor é interpelado a produzir, a partir do dito, dados sentidos e não outros, tendo em vista a historicidade da linguagem, sua própria historicidade e outras condições de produção, tais como: as marcas de autoria; a interdiscursividade — relação de um discurso com outros em textos diversos e que está relacionada à própria historicidade da linguagem; a intradiscursividade — relação de discursos dentro do texto; o contexto de produção do texto — se conhecido por ele — e o contexto de produção da leitura.

Vale acrescentar que entre as formações discursivas não há uma fronteira definida. Elas se relacionam em um embate de lutas ideológicas, em que se aliam, se sustentam ou se confrontam, se excluem. Uma formação discursiva é, portanto, atravessada por várias outras e é definida a partir de seu interdiscurso, que é “o saber discursivo que foi-se constituindo ao longo da história e foi produzindo dizeres” (ORLANDI, 2005a, p. 33). É o que já foi dito em outro lugar e em outro momento e que representa o dizível.

A Análise do Discurso considera que a linguagem não é transparente e que suscita a interpretação. Diante de qualquer objeto simbólico, o homem é levado a interpretar, visto que não existe relação direta entre a linguagem, o pensamento e o mundo. A leitura, por si só, é já interpretação e não um ato mecânico, com raríssimas exceções. Conforme assevera Orlandi (2005a, p. 48), a relação autor-texto-leitor somente se torna possível “porque a ideologia intervém com seu modo de funcionamento imaginário”. Ou seja, tanto o sujeito-autor quanto o sujeito-leitor têm a ilusão de que a relação entre linguagem, pensamento e mundo se faz tête-à-tête — nessa visão, o homem pensaria e transmitiria seu pensamento por meio de palavras para nomear as coisas do mundo —, enquanto o que ocorre é que ele vê o mundo por meio das representações de dada comunidade construídas *na, pela e com a* linguagem. Desse modo, não há necessariamente um mundo sobre o qual se tem categoricamente um conhecimento, mas uma ilusão de conhecimento das coisas.

A Análise do Discurso, mais do que interpretar, trabalha os limites e os mecanismos da interpretação como parte dos processos de significação (ORLANDI, 2005a.). Seu trabalho é trazer à tona os processos de significação que estão configurados no texto e os mecanismos de produção de sentidos que estão em jogo. Para alcançar esse objetivo, há que se lançar mão dos dispositivos de análise propostos por essa disciplina.

1.1.1 Os efeitos de sentidos

Não há como separar os efeitos de sentido das suas condições de produção, das quais fazem parte fundamentalmente o sujeito, a situação, a memória e a história. A memória, nesse caso, é considerada como interdiscurso. Os efeitos de sentido produzidos por um

discurso são resultantes de sua ancoragem no interdiscurso, ou seja, em discursos anteriores e já esquecidos que representam o dizível. Sentidos já ditos por alguém, em algum lugar, em outros momentos, produzem efeitos.

Desse modo, os efeitos de sentido se (re)produzem nos textos, enquanto recortes discursivos, enquanto partes significativas de outros discursos, pela interferência da ideologia. O sujeito-leitor encontra no texto certas configurações que provocam nele determinados efeitos. Esses efeitos são tomados pelo sujeito, juntamente com todas as condições de produção da leitura, para construir os sentidos do texto. Daí a importância de se tratar das condições de produção do discurso.

1.1.1.1 As condições de produção

Orlandi (2005a, p.30) afirma que os sentidos não estão apenas nas palavras, nos textos, mas na relação com a exterioridade, nas condições em que eles são produzidos, e que não dependem somente das intenções dos sujeitos, sejam eles autores ou leitores. Segundo afirma Bakhtin (apud GERALDI, 1997, p. 19), a significação da palavra é inseparável da situação concreta em que se realiza, é diferente a cada vez que ela é enunciada, de acordo com a situação.

Brandão (2004, p. 62) diz que, segundo Pêcheux, “o sentido de uma palavra, expressão, proposição, não existe em si mesmo, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas”. Orlandi assim resume:

Os dizeres não são apenas mensagens a serem decodificados. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista do discurso tem de apreender. São pistas que ele aprende a seguir para compreender os sentidos aí produzidos, pondo em relação o dizer com sua exterioridade, suas condições de produção. Esses sentidos têm a ver com o que é dito ali mas também em outros lugares, assim como com o que não é dito, e com o que poderia ser dito e não foi. Desse modo, as margens do dizer, do texto, também fazem parte dele. (ORLANDI, 2005a, p. 30)

Há certos fatores que determinam as condições de produção: as relações de força, as relações de sentidos e a antecipação, que são, na verdade, formações imaginárias. Orlandi (2000, p. 18) apresenta a seguinte definição para esse conceito: “Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem a relação entre as situações concretas e as representações (posições) dessas situações no interior do discurso: são as formações imaginárias”.

Afirma ainda Orlandi (2005a, p. 40) que não são os sujeitos físicos que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. São essas projeções que permitem que o sujeito ocupe posições, e o que interessa no discurso são exatamente as posições do sujeito, que significam em relação ao contexto sócio-histórico e à memória. Desse modo, o sujeito-autor funciona de uma maneira e o sujeito-leitor de outra, dadas as suas posições.

Entende-se por relações de sentidos o mecanismo por meio do qual um discurso se relaciona com outros que já foram realizados e que o sustentam, assim como indica dizeres futuros, dizeres possíveis. Orlandi (2005a, p.39) trata da antecipação como um mecanismo que permite a todo sujeito se colocar no lugar do seu interlocutor e imaginar o sentido que suas palavras nele produzem, de modo a orientar sua argumentação de acordo com o efeito que pensa produzir em seu sujeito. O locutor situa-se, assim, no lugar do ouvinte a partir de seu próprio lugar de locutor. Ou seja, a imagem que o locutor cria de seu interlocutor faz parte das condições de produção do discurso.

No que se refere à noção de relação de forças, entende-se que o lugar a partir do qual o sujeito fala é constitutivo do que ele diz. Todo falante e todo ouvinte ocupam um lugar na sociedade, e isso faz parte da significação. Na nossa sociedade, as relações sociais são regidas por uma hierarquia sustentada pelo poder, e isso significa em nossas vozes. Os sentidos se estabelecem no momento de interlocução entre sujeitos, e também a partir daí.

1.1.1.2 A paráfrase e a polissemia

Geraldi (1997, p. 12) afirma que no trabalho lingüístico operam duas forças: “uma tendência à diferenciação, observável a cada uso da expressão, e uma tendência à repetição, pelo retorno das mesmas expressões com os mesmos significados presentes em situações anteriores”. Ou seja, para Geraldi (1997, p.12), os enunciados — dos quais se constituem os discursos — podem se repetir, o que não se repete são as condições de produção do discurso, as situações em que os discursos são produzidos. É desse modo que o discurso se prolifera e se dispersa.

Eni Orlandi (2005a, p. 36), corroborando essa opinião, defende que todo discurso se faz no jogo entre o mesmo e o diferente, entre a matriz e a fonte, e que todo funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásicos e processos polissêmicos. Em todo dizer, há algo que se mantém, o dizível, a memória, o que é representado pela paráfrase, enquanto que a polissemia refere-se ao deslocamento, à ruptura de processos de significação, à multiplicidade de sentidos.

Helena Brandão (2004, p. 39) acrescenta que “enquanto a paráfrase é um mecanismo de fechamento, de delimitação das fronteiras de uma formação discursiva, a polissemia rompe essas fronteiras, embaralhando os limites entre diferentes formações discursivas”. A polissemia, no entanto, não é ilimitada. Os sentidos são regulados socialmente. Como diz Geraldi (1997, p. 6), as interações tornam-se possíveis no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Grigoletto (1992, p. 33) concorda com essa idéia e assevera:

a interação acontece dentro de um discurso determinado social e historicamente, e institucionalizado, que circunscreve a polissemia. No interior desse discurso institucionalizado, o jogo é limitado e a polissemia do signo não é arbitrária ou incontrolada.

Nessa relação entre o já-dito e o que se está dizendo, entre o interdiscurso e o intradiscurso, entre a constituição e a formulação, identifica-se o dizer em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos.

Dessa maneira, considera-se, neste estudo, que tanto a paráfrase quanto a polissemia são modos de operação da ideologia e fazem parte das condições de produção do discurso tanto na leitura quanto na produção do texto, seja ele visual ou verbal.

1.1.1.3 A metáfora

Outro conceito elementar na Análise do Discurso é o de metáfora, considerada como a tomada de uma palavra por outra, como “transferência” de um campo semântico para outro. Afirma Orlandi:

Segundo Pêcheux, o sentido é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, uma outra expressão ou proposição; e é por esse

relacionamento, essa superposição, essa transferência (metaphora), que elementos significantes passam a se confrontar, de modo que se revestem de um sentido. (ORLANDI, 2005a, p. 44).

Por meio do deslize de sentidos, há sempre a possibilidade de o efeito de sentido produzido por um determinado objeto simbólico ser outro, de ocorrer deslocamentos. Esse deslize de sentidos produz o efeito metafórico, que, por sua vez, demanda a interpretação, o trabalho ideológico. A metáfora é constitutiva do processo de produção de sentidos, é constitutiva da própria linguagem.

1.1.2 A interferência do sujeito

O sujeito do discurso é essencialmente histórico e ideológico, porque sua fala é produzida a partir de um determinado lugar social e de um determinado momento histórico (Brandão, 2004, p. 49). Em Análise do Discurso, considera-se que o que define o sujeito é esse lugar a partir do qual ele fala em relação aos diferentes lugares de uma formação social, ocupados por outros sujeitos e por outros discursos.

Conforme expõe Brandão, (2004, p. 36), Pêcheux mostrou que os protagonistas do discurso não se referiam aos sujeitos físicos, mas à “representação de lugares determinados na estrutura de uma formação social, lugares cujo feixe de traços objetivos característicos pode ser descrito pela sociologia”.

As várias posições que o sujeito assume no texto correspondem a diversas formações discursivas. É na formação discursiva que todo sujeito se reconhece em sua relação consigo mesmo e com os outros sujeitos. Ao se identificar como pertencente a uma formação

discursiva, o sujeito constitui sua identidade. É nela também que o sentido cria a ilusão de unidade.

A Análise do Discurso, entretanto, reconhece no sujeito “um caráter contraditório, que, marcado pela incompletude, anseia pela completude, pela vontade de querer ser inteiro”. (Brandão, 2004, p. 46). Assim, numa relação dinâmica entre identidade e alteridade, o sujeito é ele mais a complementação do outro.

Brandão (2004, p.46) assevera que o centro da relação está no espaço discursivo criado entre o eu e o tu, que o sujeito só se completa na interação com o outro. Dessa forma, o sujeito se constrói na alteridade. E conclui: “A identidade discursiva se constrói na relação com um Outro presente lingüisticamente ou não no intradiscurso” (BRANDÃO, 2004. p. 75). O sujeito, como o discurso, é disperso, incompleto, pois outras vozes emergem de sua fala mesmo sem sua anuência. Ele incorpora um discurso heterogêneo e assume diferentes vozes sociais (BRANDÃO, 2004, p.68).

Para explicar a noção de forma-sujeito, Orlandi (2000, p. 105) diz que o sujeito do discurso é constituído pela interpelação ideológica e é historicamente determinado. Essa forma-sujeito, portanto, pode ser diferente nos diferentes momentos históricos.

A forma-sujeito constituída pelas relações de uma formação social capitalista como a nossa é a de um sujeito ao qual se atribui autonomia e responsabilidade, ao mesmo tempo em que se considera que ele é determinado pela sua relação com a exterioridade. É o poder contribuindo para fabricar um certo tipo de individualidade: a do sujeito capitalista (ORLANDI, 2000, p. 47). Trata-se, portanto, de um sujeito ambíguo, que é responsável por seus atos, mas está submetido às coerções das condições de produção (BRANDÃO, 2004, p. 64-65). Não é nem totalmente livre nem totalmente assujeitado.

Orlandi (2005a, p. 49) considera que o sujeito é materialmente dividido desde sua constituição: ele é *sujeito de* e é *sujeito a*. Ao mesmo tempo em que ele se vê como a origem de seu discurso, ele é sujeito à língua e à história, pois para se constituir, para produzir sentidos ele é afetado por elas. “Se ele não se submeter à língua e à história ele não se constitui, ele não fala, não produz sentidos.” (ORLANDI, 2005a, p. 49).

O sujeito constrói sentidos no momento em que se posiciona na linguagem. Os sentidos são construídos na interação entre o autor, o texto e o leitor. Tanto o autor quanto o leitor, cada um com sua historicidade, constroem sentidos. Como diz Orlandi (2000, p. 89), “quem fala, ao produzir, também está atribuindo sentido; quem ouve, ao atribuir, também produz sentido”. A esse respeito, Koch (2004, p. 40) faz a seguinte observação:

Ao construir um texto, o produtor reconstrói o mundo de acordo com suas experiências, seus objetivos, propósitos, convicções, crenças, isto é, seu modo de ver o mundo. O interlocutor, por sua vez, interpreta o texto de conformidade com seus propósitos, convicções, perspectivas. Há sempre uma mediação entre o mundo real e o mundo construído pelo texto.

Orlandi (2005a) explica as diferentes funções enunciativo-discursivas do sujeito: no que se refere à perspectiva da formulação, são elas a de locutor, a de enunciador e a de autor, que correspondem, na compreensão, à de alocutário, à de destinatário e à de leitor, respectivamente. Enquanto o locutor é aquele que se apresenta como “eu” no discurso, o alocutário é o “tu” a quem o “eu” do locutor se dirige. O enunciador se constitui das/nas perspectivas desse “eu”, e o destinatário, por sua vez, é o “outro” da perspectiva do enunciador, ou seja, há uma perspectiva de leitor construída pelo enunciador, é o “leitor-ideal” inscrito no texto, por antecipação.

O autor é a função que o “eu” assume enquanto produtor de linguagem, é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações. O autor é o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. É um princípio de agrupamento do discurso,

funcionando como unidade e origem de suas significações, mas sem controle sobre elas. Cabe ao autor, como função interna do discurso, assegurar a coerência e a completude de uma representação.

Leitor é aquele que se assume como tal na prática da leitura, numa ordem social dada, em um lugar sócio-histórico específico. A função que corresponde à de leitor constitui um sujeito afetado pela sua inscrição no social. O efeito-leitor é determinado historicamente pela relação do sujeito com a ordem social. Assim como a unidade textual resulta do autor, a unidade da leitura resulta do efeito-leitor. Desse modo, as funções de autor e leitor são as que estão mais determinadas pelo social, estão mais submetidas às regras das instituições.

Cabe aqui fazer algumas observações sobre o objeto de análise deste trabalho. Os editores/autores da revista *Vida Simples* imaginam um público e é para ele que eles escrevem. Mas, para não andar à deriva, lançam mão de alguns mecanismos a fim de conhecer melhor seus leitores. Realizou-se, por exemplo, uma promoção em que o leitor deveria responder a um questionário sobre dados pessoais e comportamentais. A pesquisa perguntava, ao final, o que era para eles uma vida simples. Aquele que enviasse a resposta mais adequada, ou que mais agradasse à revista, receberia como prêmio uma viagem.

Ademais, na sessão das cartas, por meio daqueles que escrevem para a revista, pode-se ter uma amostragem dos seus leitores. Eles fazem elogios, comentam as reportagens de que mais gostam, reclamam do que não gostam, fazem críticas, dão sugestões, além de falarem um pouco de si mesmos e das sensações que experimentam ao ler a revista. Essas informações funcionam como marcas lingüísticas dos leitores da revista, dão dicas de um rumo a ser seguido e podem orientar o discurso da revista para uma ou outra direção.

Ao mesmo tempo, o sujeito leitor entra em choque com esse leitor virtual concebido pela revista, para quem, provavelmente, é mais viável, possível, realizável uma vida assim. Afetado pelo seu conhecimento de mundo, pela relação que tem com a linguagem, por sua própria historicidade, pelo momento histórico-social em que vive, o indivíduo, interpelado pela ideologia, se instala como sujeito-leitor da revista, entra em conflito com ele e a partir daí constrói sentidos.

Não existe um controle total dos sentidos nem por parte do autor nem por parte do leitor. Os sentidos mudam de pessoa para pessoa. Há interferência do sujeito autor e do sujeito leitor. A historicidade do autor entra em conflito com a historicidade do leitor. Quanto mais parecidos eles forem, quanto mais ligadas forem suas formações discursivas e suas formações ideológicas, lerão eles mais semelhantemente o texto, mas nunca será da mesma forma.

Um conceito que está ligado à leitura é o de compreensão. Mais do que interpretar, compreender é, segundo Orlandi, refletir sobre a função do efeito das formulações em sua necessária relação com a constituição dos sentidos. Compreender é saber que o sentido pode ser outro, é desconstruir o funcionamento ideológico da posição do sujeito-leitor.

O sujeito que produz uma leitura a partir de sua posição já está interpretando o texto. O sujeito-leitor que se relaciona criticamente com sua posição, que a problematiza, explicitando as condições de produção de sua leitura, compreende. A compreensão supõe uma relação com a cultura, com a história, com o social e com a linguagem, que é atravessada pela reflexão e pela crítica (ORLANDI, 2000, p.116).

Quando o sujeito-leitor entra em contato com o texto, participam com ele dessa relação suas experiências de linguagem, sua história de leitura. Conforme Orlandi (2000, p.

87), as leituras já feitas podem alargar ou restringir a compreensão do texto de cada leitor específico.

A transparência dos sentidos de um texto é aparente. A naturalidade dos sentidos é ideologicamente construída. Quem lê deve procurar conhecer os mecanismos que estão em jogo. É importante considerar, na perspectiva discursiva, o modo pelo qual, no funcionamento da ideologia, o leitor se instala nesse processo de produção de sentidos fazendo parte da história desse processo (ORLANDI, 2000, p. 102).

Ao se falar em sujeitos do discurso não há como deixar de mencionar a ilusão da autonomia do sujeito e a ilusão da transparência dos sentidos, que são condições necessárias para a construção do sentido. O indivíduo, quando se expressa, tem a ilusão de que está criando um discurso original, tem a ilusão de que é o criador absoluto de seu discurso. Para a Análise do Discurso, essa é uma ilusão necessária, porque constituinte do sujeito.

Geraldi (1997, p. 32) assevera que, para tornar possível a própria expressão da linguagem, a ilusão do significado atingido, da construção do signo tem de ocorrer. A ilusão de se ter atingido um significado único torna possível a construção de um texto. No entanto, a cada vez que o texto é lido, são descortinadas novas perspectivas, surgem novas formas e diferentes desenhos. A ilusão do sujeito se realiza, portanto, por dois esquecimentos: o de que os sentidos não se originam nele, mas são retomados por ele; e o de que não há apenas uma possibilidade de significação para o texto que produz.

1.1.3 O texto

O texto é um lugar de conflito, de produção de sentidos, de interação de sujeitos. Koch (2001) define texto de um modo bastante abrangente e completo, que se situa entre as várias concepções existentes e que se relaciona sobretudo à abordagem escolhida neste estudo:

[...] lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como um evento, portanto, em que convergem ações lingüísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997), ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos-de-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos co-enunciadores entre as inumeráveis possibilidades de organização textual que cada língua lhes oferece [...], é um construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado [...]. (KOCH, 2001, p. 9)

São apresentadas, a seguir, as noções de texto verbal, de acordo com uma perspectiva discursiva; de texto visual, com base especialmente na Semiótica peirceana; e, finalmente, de multimodalidade.

1.1.3.1 O texto verbal

Lúcia Santaella (2006, p. 11) define a linguagem verbal como “linguagem de sons que veiculam conceitos e que se articulam no aparelho fonador, sons estes que, no Ocidente, receberam uma tradução visual alfabética (linguagem escrita)”. Portanto, o texto verbal pode ser também visual, ao serem considerados os tipos de letra, a pontuação, os espaços etc. Considerando esta visão e a visão de Koch (2001, p.9) citada acima, a idéia que se pretende destacar nesta parte do trabalho é a de um texto lingüisticamente organizado, ou seja,

construído com base em caracteres lingüísticos falados ou escritos. Desse modo, esse tipo de texto se distingue do texto visual, sobre o qual se fala na próxima seção.

Para a Análise do Discurso, o texto é a unidade que permite ao analista ter acesso ao discurso. É, como diz Orlandi (2005b, p. 12), “a manifestação material concreta do discurso”. Diz ainda a autora que “texto é lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade” (ORLANDI, 2005b, p. 89).

No que se refere à extensão do texto, não importa se ele é composto por uma palavra ou por um conjunto de frases; o que importa é a maneira como ele produz sentidos, o seu funcionamento como unidade de significação, consideradas as condições de sua produção. Dessa forma, o texto se constitui no processo de interação, na interlocução.

É importante ressaltar que, embora o texto seja considerado a unidade de análise do discurso, ele não é fechado em si mesmo, pois tem relação com outros textos. O que o texto diz remete ao que já foi dito antes em algum lugar e também ao que não é dito. Tanto o interdiscurso quanto os implícitos são constitutivos do texto.

O texto verbal, como todo texto, é, portanto, o lugar onde acontecem diferentes processos de significação, que “são função da historicidade, ou seja, da história do(s) sujeito(s) e do(s) sentido(s) do texto enquanto discurso” (ORLANDI, 2005b, p. 88).

1.1.3.2 O texto visual

Os estudos semióticos surgiram entre o final do século XIX e o início do século XX, a partir da necessidade de se compreenderem os novos fenômenos de linguagem, que resultaram do desenvolvimento de meios de reprodução e difusão de informações e da proliferação das linguagens e dos códigos. Nessa época, começaram a tomar conta do mundo comunicações em cartazes, revistas, jornais, rádio, televisão, fotografia e cinema, que veiculavam, juntamente com os textos verbais, os visuais, ou seja, aqueles constituídos por imagens.

Como esclarece Santaella (2006, p. 11), além da linguagem verbal, “existe simultaneamente uma enorme variedade de outras linguagens que também se constituem em sistemas sociais e históricos de representação do mundo”. E a Semiótica — considerada em uma época em que ainda não havia a Análise do Discurso —, acrescenta a autora (2006, p. 13), “é a ciência que tem por objeto de investigação todas as linguagens possíveis, ou seja, que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”. Atualmente, a Análise do Discurso também resgata o texto — tanto visual quanto verbal — como recorte significativo e material do discurso, destacando sua multimodalidade (da qual se trata na próxima seção).

Não há como falar sobre a Semiótica sem mencionar Charles Sanders Peirce, cientista, lógico e filósofo que dedicou a sua vida inteira aos estudos semióticos. Utilizou-se, para tanto, dos princípios da Fenomenologia, por meio da observação dos fenômenos, pela análise de todas as experiências possíveis. Segundo Peirce, a Fenomenologia é “a descrição e

análise das experiências que estão em aberto para todo homem, cada dia e hora, em cada canto e esquina de nosso cotidiano”. (SANTAELLA, 2006, p. 32).

Pela própria definição de fenomenologia de Peirce, percebe-se já, em sua perspectiva de estudos, uma visão discursiva dos acontecimentos. Também a Análise do Discurso, como vimos anteriormente neste capítulo, tem em conta tudo o que está significativa e cotidianamente em aberto para o sujeito. Esta, no entanto, inclui a questão da ideologia, da formação discursiva e o próprio sujeito do discurso em seus estudos. Tudo isso, além das imagens, contribui para a construção dos sentidos. A maior contribuição de Peirce, portanto, foi a consideração de que tudo significa, de que toda a linguagem, amplamente considerada, se constitui de signos.

Santaella (2006, p. 16-20), faz um breve resumo da vida desse cientista, que se bacharelou em Química, mas era também matemático, físico, astrônomo e, ainda, um estudioso da Biologia e da Geologia; que se devotou à Filologia, à Linguística e à História e, além disso, deu grandes contribuições à Psicologia; mas que só depois de sua morte foi considerado um filósofo. Peirce levou para a Filosofia o espírito da investigação científica, propôs aplicar na Filosofia os métodos de observação, hipóteses e experimento que são praticados nas ciências. Para ele, o caminho para a Filosofia tinha de ser dar através da Lógica da ciência.

Apesar de ter se dedicado a uma assombrosa diversidade de campos e interesses, a grande paixão de Peirce era a Lógica. Passou 30 anos de sua vida estudando 16 horas por dia para construir a sua teoria lógica, filosófica e científica da linguagem: a Semiótica. De acordo com a teoria peirceana, tudo é semioticamente analisável e fenomenologicamente classificável segundo três categorias, as quais denominou de primeiridade, secundidade e terceiridade.

A primeira categoria designa o ser tal como ele é, corresponde à pura qualidade de ser e de sentir, é o novo, o original, o espontâneo, o livre. A segunda caracteriza-se pelo aspecto relacional, pelo conflito, é ação e reação dos fatos concretos, existentes e reais. A terceira equivale à modificação da primeiridade e da secundidade pela terceiridade por meio de processos comunicacionais. Ela diz respeito à mediação interpretativa entre nós e os fenômenos, ao pensamento em signos, através do qual representamos e interpretamos o mundo (SANTAELLA, 2006). Complementa Santaella:

O sentimento ou qualidade de impressão é um quase-signo porque já funciona como um primeiro, vago e impreciso predicado das coisas que a nós se apresentam. A ação ou experiência também pode funcionar como signo, porque se apresenta como resposta ou marca que deixamos no mundo, aquilo que nossa ação nele inculca. Aí estão enraizadas na fenomenologia as bases para a Semiótica, pois é justo na terceira categoria fenomenológica que encontramos a noção de signo genuíno ou triádico [...]. (SANTAELLA, 2006, p. 54)

A Semiótica peirceana apóia-se, portanto, em um esquema triádico, em que algo significa alguma coisa para alguém de alguma maneira. A tríade que constitui o signo é formada pelo *representamen*, aquilo que funciona como signo para quem o percebe; pelo objeto, aquilo que é referido pelo signo; e pelo interpretante, o efeito do signo naquele que o interpreta. São dois os objetos que compõem o signo: o objeto imediato e o objeto dinâmico; e são três os interpretantes: interpretante imediato, interpretante dinâmico e interpretante em si (SANTAELLA, 2006).

Segundo Santaella (2006, p. 59), “o objeto imediato (dentro do signo, no próprio signo) diz respeito ao modo como o objeto dinâmico (aquilo que o signo substitui) está representado no signo”. Diz ainda a autora que “o interpretante imediato consiste naquilo que o signo está apto a produzir numa mente interpretadora qualquer”, aquilo que ele pode produzir, dependendo de sua natureza (SANTAELLA, 2006, p. 60).

Santaella (2006, p. 60-61) assevera também que o interpretante dinâmico é aquilo que o signo efetivamente produz em cada mente singular. E isso ele produzirá dependendo da sua natureza de signo e do seu potencial como signo. Há signos que só produzirão sentimentos de qualidade; outros que produzirão uma ação concreta como resposta ao signo; e outros que produzirão um pensamento que traduzirá o signo anterior em um outro signo da mesma natureza, infinitamente. No que diz respeito ao interpretante em si, diz a autora que ele consiste não apenas no modo como uma mente reage ao signo, mas no modo como qualquer mente reagiria, dadas certas condições.

Para melhor compreender os tipos de signo, Peirce desenvolveu classificações, organizadas em tricotomias, ou seja, divisões triádicas dos signos. Santaella (2006, p. 62) esclarece que são três as tricotomias que ficaram mais conhecidas e que têm sido mais divulgadas. São as que se referem à relação do signo consigo mesmo; à relação do signo com seu objeto dinâmico; e à relação do signo com seu interpretante.

A relação do signo consigo mesmo apresenta o signo como uma mera qualidade (quali-signo), um existente (sin-signo) ou uma lei (legi-signo). Na esfera da primeiridade, o quali-signo, na sua relação com o seu objeto, é um ícone. O ícone é sempre um quase-signo, “algo em que se dá a contemplação” (SANTAELLA, 2006, p. 64). Ele se apresenta, mas nada representa. Portanto, não pode funcionar como signo. Justamente por não representarem nada além de formas e sentimentos, os ícones, conforme afirma Santaella (2006, p. 64), “têm um alto poder de sugestão”. Quanto ao interpretante que o ícone está apto a produzir, “é, também ele, uma mera possibilidade (qualidade de impressão) ou, no máximo, no nível do raciocínio, um rema, isto é, uma conjectura ou hipótese” (SANTAELLA, 2006, p. 65).

No que se refere às tríades na esfera da secundidade, o sin-signo corresponde a um existente singular, material. Santaella (2006, p. 66) esclarece que “uma coisa singular

funciona como signo porque indica o universo do qual faz parte”. Acrescenta ainda que tudo que existe “pode funcionar como índice. Basta, para tal, que seja constatada a relação com o objeto de que o índice é parte e com o qual está existencialmente conectado”. E conclui dizendo que o índice é um signo que “indica uma outra coisa com a qual ele está factualmente ligado”.

A autora esclarece também que o interpretante do índice refere-se à constatação de uma relação física entre existentes. O índice, como real, concreto, singular, aponta para diversas direções. Mas é somente quando uma mente interpretadora estabelece uma conexão em uma dessas direções que ele funciona como signo. Na esfera do raciocínio, esse interpretante será um dicente: signo de existência concreta. O índice funciona como signo porque “nele o mais proeminente é o seu caráter físico-existencial, apontando para uma outra coisa (seu objeto) de que ele é parte”. (SANTAELLA, 2006, p. 67).

No âmbito da terceiridade, o signo, em relação a si mesmo, é um signo de lei ou legi-signo; em relação ao seu objeto, é um símbolo; e, em relação ao interpretante, é um argumento. Conforme assevera Santaella (2006, p. 67), o símbolo é “portador de uma lei que, por convenção ou pacto coletivo, determina que aquele signo represente seu objeto”. Não apresenta, portanto, uma característica singular, mas geral. Já o argumento, diz Santaella (2005, p. 27), “é um signo que é entendido como representando seu objeto em seu caráter de signo”. Afirma ainda a autora que “a base do argumento está nas seqüências lógicas de que o legi-signo simbólico depende” (SANTAELLA, 2005, p. 26).

Os símbolos são signos triádicos genuínos, “pois produzirão como interpretante um outro tipo geral ou interpretante em si que, para ser interpretado, exigirá um outro signo, e assim *ad infinitum*” (SANTAELLA, 2006, p. 68). O símbolo funciona como signo por ser portador de uma lei de representação.

Nenhum signo tem existência por si mesmo, isoladamente, mas sempre relativamente a determinado contexto. É necessário que se faça uma leitura e o desvendamento da realidade.

Um exame minucioso das classificações de Peirce pode nos habilitar para a leitura de todo e qualquer processo sígnico, pois elas “funcionam como uma espécie de visor ou lente de aumento que nos permite perceber uma multiplicidade de pontos e distinguir sutis diferenciações nas linguagens concretas pelas quais estamos perpassados e com as quais convivemos” (SANTAELLA, 2006, p. 57).

A assim considerada “ciência dos signos” ou “ciência geral de todas as linguagens” — a Semiótica — pode nos dotar, portanto, de ferramentas para traduzir linhas, traços, cores, formas, desenhos, imagens, gráficos, sinais, setas, números, luzes, gestos, expressões e diversas outras maneiras de manifestação de sentido e de expressão e comunicação social. Uma interface dessa disciplina com a Análise do Discurso é, portanto, muito profícua e, por isso, se faz aqui numa perspectiva multimodal.

1.1.3.3 A multimodalidade

Vivemos em um “mundo multissemiótico em expansão” (ROCHA, 2005, p. 63) e, embora a escrita venha há muito tempo sendo considerada a forma de representação mais valorizada nas sociedades letradas, tem sido vista cada vez mais como apenas uma parte do todo que constitui o discurso, em meio a tantos outros modos de representação que se combinam para transmitir os múltiplos sentidos de um texto.

É abordada, nesta seção, a concepção de texto multimodal, que, conforme definem Kress e van Leeuwen, “é aquele cujo significado se realiza por mais de um código semiótico” (KRESS; van LEEUWEN, 2001 apud ROCHA, 2005, p. 36).

Não se pode negar, como diz Rocha (2005), a nova ordem “comunicacional”, que, conforme diz o autor, é caracterizada por “uma multiplicidade de gêneros discursivos construídos por meio de vários modos semióticos — textos, imagens visuais, sons etc., todos atravessados por uma ideologia” (ROCHA, 2005, p. 62). É preciso esclarecer que não se considera aqui que a linguagem é comunicação, mas prática discursiva. No entanto, considera-se, como Rocha (2005), cada vez mais importante a leitura multimodal dos textos, visto que os recursos visuais são mais e mais utilizados como recurso não somente expressivo mas também de persuasão em textos em geral, publicados nos mais diversos meios: livros, jornais, revistas, televisão, cinema etc.

O texto verbal não deve ser considerado de forma isolada, mas em conjunto com outros modos de representação. Diante de um texto escrito, é preciso considerar, além do código escrito, a diagramação da página, a forma e a cor da letra, a formatação do parágrafo, o tamanho dos elementos presentes, a superfície sobre a qual o texto se inscreve — papel, faixa, letreiro, chão, tecido, mídias eletrônicas, painel, corpo — e outros fatores que se complementam e, juntos, constroem os sentidos da mensagem.

O texto multimodal vem ocupando, como já dito, um espaço cada vez mais relevante nas práticas discursivas contemporâneas, em razão da grande dimensão que vêm ganhando as diversas formas de representação e a tecnologia. Conforme ressalta Rocha (2005, p. 47), especialmente a partir da década 1990, o cenário da comunicação passou a ser “irrefutavelmente multissemiótico”, e grande destaque foi dado particularmente ao modo visual. Não se pode ignorar a relevância dessa forma de representação.

Mas essa multimodalidade dos textos não é de agora. Se considerarmos o que diz Peirce (Santaella, 2006) a respeito das “linguagens” e trouxermos a visão peirciana para uma perspectiva mais atual, a da Análise do Discurso, e ainda que o início dos estudos semióticos data do século XIX, perceberemos que há necessidade, desde há muito, de uma leitura mais ampla — poder-se-ia dizer mais discursiva — do mundo. Ou seja: havia já, naquela época, de algum modo, a compreensão de que os textos constituem-se de mais do que apenas palavras e de que signos são muito mais do que imagens acústicas aliadas a conceitos. É por isso que Bakhtin (1992) propôs um signo ideológico, dialógico, e a Análise do Discurso segue essa linha.

Diz ainda Rocha (2005, p. 36) que a linguagem falada e a linguagem escrita não são mais a modalidade semiótica central. Devem ser considerados todos os modos de representação empregados por um grupo social. Conforme defendem Kress e van Leeuwen (apud ROCHA, 2005), é importante perceber como as fontes da multimodalidade permitem a realização do sentido de muitas maneiras e em diferentes níveis. Segundo Rocha (2005, p. 48), esses autores asseveram que “a linguagem multimodal pode significar em múltiplas articulações”.

Desse modo, entende-se aqui que, ao se fazer uma análise sob uma perspectiva multimodal, todos os modos de representação devem ser considerados como portadores de significados, desde gestos e expressões faciais até manifestações como *piercings* e tatuagens. Deve ser observada a combinação dos vários elementos presentes para criar os personagens e a atmosfera, como dimensão, forma, luz, cores, linhas, traços, saturação, nitidez, movimento, arranjo espacial, vestimentas, símbolos, primeiro plano, fundo, os objetos representados explicitamente ou apenas sugeridos, efeitos sonoros. Ou seja, cada detalhe visual ou verbal

faz parte do texto — é texto —, provoca efeitos de sentido e deve ser considerado no momento da leitura, especialmente se se deseja fazer uma leitura mais aprofundada.

Outro conceito relevante para este trabalho é o que se refere à Gramática Visual, que, conforme afirma Rocha (2005, p. 63), é a “base teórica e manual para a análise dos modos semióticos”. Para fazer suas considerações sobre a Gramática Visual, Rocha baseou-se nas definições de Kress e van Leeuwen.

Não se está aqui considerando que uma gramática visual contemple todos os textos visuais, como se fosse onisciente, e tenha a pretensão de atingir todos os elementos imagéticos desses textos, como se fosse onipresente. Não se considera também a necessidade total de trazê-la sempre, totalmente e somente ela, para o ato de ler, pois o mais importante é refletir sobre os signos visuais e compreender que eles provocam efeitos de sentido. É um avanço muito grande, no entanto, pensar em termos da possibilidade de que signos visuais se repetem e que podem, até certo ponto, se estabelecer como relacionados, estrutural e significativamente, com outros signos. A própria existência de um livro que propõe leituras de imagens — sem a intenção normativa e homogeneizadora das gramáticas tradicionais, o que seria um erro — é de grande relevância.

Desse modo, uma das categorias de análise da Gramática Visual refere-se às representações narrativas, nas quais estão incluídos os participantes e os processos narrativos. Explica Rocha (2005, p. 54) que os participantes equivalem aos “elementos que integram uma composição gráfico-visual” e que se dividem em participantes representados, que “são os de quem se está falando, escrevendo ou produzindo imagens”, e participantes interativos, que “somos nós, os observadores (*viewers*), para quem se dirige a mensagem”. Vamos considerar, aqui, visto que este é um estudo que tem por base a Análise do Discurso, que quem produz os textos, sejam eles textos visuais e/ou verbais, é o sujeito-autor e quem os lê, o sujeito-leitor,

pois aquele que lê não é mero observador ou espectador, mas constrói sentidos na interlocução.

Quanto aos processos narrativos, esclarece Rocha (2005, p. 54) que eles “servem para apresentar, revelar ações e eventos, processos de mudança, adaptações espaciais efêmeras”. Diz ainda Rocha (2005, p.54) que tais processos “ocorrem quando os participantes são conectados por um vetor”, isto é, quando se pressupõe interação entre eles. Acrescenta Rocha (2005) que “o número e os tipos de participantes na composição distinguem-se de acordo com o tipo de vetores”. Daí se distinguem cinco processos narrativos: processo de ação, processo reacional, processo classificatório, processo analítico e processo simbólico.

No processo de ação, o actante é o participante do qual o vetor se origina, ou que no todo ou em parte forma o vetor. Rocha (2005, p. 54) esclarece que se trata do participante que está em evidência, “em função do tamanho, posição, contraste com o segundo plano, em termos de cor, intencionalidade do foco para os receptores”. Afirma também o autor que, quando aparece na imagem mais de um participante, ela é denominada transitiva, pois pede complemento, sugere movimento, sendo o outro participante o objeto para o qual a ação é direcionada. Salienta, no entanto, Rocha que “algumas estruturas transitivas podem ser bidirecionadas”. Nesse caso, os membros alternam os papéis de actante e de objeto.

O processo reacional se dá, segundo Rocha (2005, p. 55), “quando o vetor é formado pela linha dos olhos, pela direção do olhar de um ou mais participantes representados”. Os agentes, nesse processo, são denominados de fenômeno. O reagente, aquele que lança o olhar, só pode ser humano ou animal. No entanto, se o participante olhar para fora da fotografia, e não se souber o que ele olha, o processo pode ser considerado não-reacional.

No processo classificatório, o que caracteriza os participantes é o tipo de relação estabelecida entre eles, em que um será o principal e o outro, o subordinado. Os participantes são também determinados pelo posicionamento que ocupam e pelos rótulos e explicações verbais que os acompanham.

Já no processo analítico os participantes são apresentados em relação aos contextos hiperonímico e hiponímico. Ou seja, um contexto que retoma outro numa escala de hierarquização em que o mais amplo funciona como hiperônimo e o menos amplo como hipônimo.

O processo simbólico mostra o que um participante significa ou é. Nesse processo, atribuem-se significados e identidade ao participante, ao qual se associam valores simbólicos, convencionais.

No que se refere à composição espacial dos efeitos de sentido — outra categoria de análise da Gramática Visual abordada por Rocha —, os sentidos de representação e de interação são analisados sob três aspectos: valor da informação, saliência e enquadramento. (ROCHA, 2005, p. 55). O valor da informação diz respeito à importância dada aos elementos de acordo com o lugar que eles ocupam: direita ou esquerda, em cima ou embaixo, no centro ou na margem. Por intermédio do conceito de saliência, os elementos são trabalhados de maneira a atrair a atenção dos leitores em diferentes graus. O enquadramento é responsável por conectar ou desconectar os elementos por meio do uso ou não de divisões, o que pode dar à composição da imagem o sentido de conjunto ou de unidades separadas de informação. Podem-se observar, dessa maneira, vários pares na composição espacial dos efeitos de sentido, entre eles, o dado e o novo, o real e o ideal, o centro e as margens.

Quanto ao valor da informação, há a generalização de que os elementos que estão à esquerda da página (ou de outro espaço em que se der a composição) são apresentados como o dado e os que estão à direita como o novo. O dado diz respeito ao que já é supostamente conhecido pelo leitor, enquanto o novo refere-se a algo que o leitor não conhece e ao qual, portanto, deve prestar mais atenção. Em relação à parte superior e à parte inferior da página, os elementos que estão localizados em cima são apresentados como o ideal, dizem respeito ao idealizado ou à ausência da informação. Já os elementos que estão localizados embaixo são apresentados como o real, referem-se à informação mais categórica, mais detalhada. Ao se considerar o centro e a margem, o que é apresentado no centro é visto como “o núcleo da informação a que todos os outros elementos em algum sentido são dependentes”, enquanto nas margens estão, portanto, os elementos dependentes. (ROCHA, 2005, p. 56).

Em se tratando da saliência, o autor assim dispõe:

Uma imagem ou uma página pode destinar diferentes graus de saliência para seus elementos, o que cria hierarquia de importância entre eles. O dado pode ser mais saliente que o novo ou este mais saliente que o outro, ou ambos igualmente salientes. O mesmo ocorre com os pares ideal e real. (ROCHA, 2005, p. 56).

Assevera ainda Rocha (2005, p.56) que a saliência “é julgada com base nas pistas visuais” e que, conforme sustentam Kress e van Leeuwen (apud ROCHA, 2005, p.56), “os leitores da composição espacial são intuitivamente capazes de julgar o peso de vários elementos da composição de acordo com o destaque dado”. A saliência se dá por meio da relação de uma série de fatores, como, por exemplo, tamanho, foco, contraste, tipos de plano.

Quanto ao enquadramento, os elementos da composição podem estar combinados ou separados uns dos outros. Eles podem ainda ser fortemente emoldurados, o que os identificará como unidade separada de informação, ou fracamente emoldurados, o que fará com que formem uma unidade e lhes trará maior coesão.

No que se refere ao itinerário seguido pelo leitor diante de uma composição, a probabilidade maior é que ele comece pelos elementos que estiverem em destaque, como as fotografias e manchetes. Conforme diz Rocha (2005, p. 57), Kress e van Leeuwen acreditam que a rota de leitura mais plausível seja aquela em que o leitor comece a olhar a foto, depois a manchete e, então, passe, opcionalmente, para a mancha gráfica.

É importante ressaltar que os caminhos a serem seguidos podem sempre ser outros, dependendo dos leitores e da cultura na qual estão inseridos, visto que a leitura da imagem é multidirecionada e está sujeita ao olhar de cada leitor. Como diz Orlandi (2000), compreender um texto pela leitura — seja ele verbal, visual ou multimodal — é saber que o sentido sempre pode ser outro. Muitas leituras diferentes são possíveis.

2 ANÁLISE

Este capítulo se inicia com a apresentação de *Vida Simples*, revista que é o objeto de estudo deste trabalho. Posteriormente, são analisadas a imagem e a escrita em *Vida Simples*, é feita uma reflexão sobre a relação dos leitores com a revista e um exame sobre as transformações que nela ocorreram no decorrer do tempo. Por fim, expõe-se uma, entre tantas possíveis, leitura multimodal desse modo de operação da ideologia e de circulação de efeitos de sentido, que é a revista *Vida Simples*.

2.1 A apresentação do *corpus*

O *corpus* deste trabalho se compõe de enxertos de textos visuais e verbais da revista *Vida Simples*. A figura 1 foi retirada das páginas 16 e 17 da Edição 36; a 2, das páginas 46 e 47 da Edição 44; a 3 é a capa da Edição 3; a 4 é a capa da Edição 15; a 5 foi retirada das páginas 42 e 43 da Edição 3; a 6, da página 20 da Edição 28; as figuras 7, 8 e 9 referem-se, respectivamente, à capa, à página 36 e à página 52 da Edição 23; as figura 10, 11 e 12, às páginas 30, 32 e 34, respectivamente, da Edição 28; as figuras 13, 14 e 15, às páginas 50, 52 e 54, respectivamente, da Edição 20, e as figuras 16, 17 e 18 encontram-se, respectivamente, na página 18 da Edição 42, na página 14 da Edição 32 e na página 12 da Edição 36. Encontram-se em anexo apenas as figuras 8 e 9, constantes, respectivamente, das páginas 36 e 52 da Edição 23, com o intuito de que seja melhor visualizado o participante mencionado.

As edições das quais foram retirados os fragmentos de textos verbais analisados estão mencionadas logo após a transcrição do trecho. Em anexo, encontram-se dois exemplos da seção de cartas dos leitores, para melhor ilustrar as afirmações feitas.

Vida Simples foi lançada pela Editora Abril, em agosto de 2002, como suplemento especial da revista *Superinteressante*, mas foi somente a partir de abril de 2003 (terceira edição) que passou a ser uma publicação mensal. Até a oitava edição ainda vinha com a logomarca da *Superinteressante* na capa. Foi então ganhando autonomia e mudando a cada mês, até encontrar a sua “cara” atual: uma apresentação bem cuidada, com impressão feita em papel de qualidade, encadernação em lombada quadrada, atenção especial à arte. A revista exhibe uma boa arquitetura entre imagens que seduzem e textos claros e do tamanho certo, que propõem um jeito simples de viver por meio de uma linguagem que aproxima autor e leitor. Tanto é assim, que, em 2005, ganhou o Prêmio Abril de Jornalismo na categoria beleza.

As imagens recebem grande destaque na revista, e não poderia ser diferente na configuração social que vivemos hoje, em que observamos a inclusão do visual em vários e distintos domínios. Muitos recém-nascidos já têm suas fotos divulgadas pela Internet antes mesmo de deixarem o hospital. Os CDs de músicas já não nos contentam e passamos a desejar os DVDs, que permitem que o som seja acompanhado da interpretação de nosso cantor favorito, sem falar no cenário e em todos os outros estímulos visuais que podem ser oferecidos por essa via. Vídeos que exibem os últimos acontecimentos estão disponíveis na rede para serem acessados no momento em que a pessoa tiver disponibilidade. Por meio das *webcams*, o internauta pode ver seu interlocutor e por ele ser visto ao mesmo tempo em que ambos se comunicam via computador. Os mais diversos sites transmitem imagens de lugares os mais longínquos — inclusive por meio de detalhados mapas tridimensionais de localização — e de culturas as mais variadas. Se desejarmos visualizar algo que não conhecemos, basta

uma pesquisa na Internet para obtemos uma representação mais próxima da realidade do que qualquer descrição poderia fornecer. Nas ruas das cidades, há *outdoors* espalhados por todos os cantos.

Percebe-se, entretanto, que a revista *Vida Simples* privilegia não só “o como se diz”, mas também “o que se diz”. Além de ser bonita de se ver, qualidade fundamental na sociedade visual em que vivemos, a revista chama atenção por abordar temas relacionados a uma melhor qualidade de vida; reforçar o cuidado que devemos ter conosco, com a comida que ingerimos, com a casa em que habitamos, com as pessoas com quem convivemos. Ela também defende valores ecológica e socialmente corretos, como conservação do meio ambiente, maior harmonia com a natureza, consumo inteligente e responsabilidade social com os trabalhadores, além de apresentar maneiras para o leitor se conectar ao universo, à natureza, às pessoas e de permitir o conhecimento de modos de vida alternativos.

Em meio ao turbilhão de mudanças em que vivemos e que nos fazem escravos da tecnologia, das novidades, dos últimos lançamentos, do computador, da TV a cabo, do celular e da informação em tempo real, e diante do medo de não sabermos o que nos espera, buscamos algo que nos tranquilize. É nesse contexto que se situa a revista *Vida Simples*, mostrando-nos que não precisamos viver sem tudo isso, mas que também não precisamos disso tudo para viver bem.

Uma forma de nos sentirmos seguros é ir à procura do já conhecido, do familiar, é reverenciar o passado, ligar-se às origens, é reviver a tradição, resgatar valores, firmando o pé em nossas origens. A proposta da revista é a adaptação do jeito simples de viver do passado aos dias de hoje, à vida nas cidades, ao aumento populacional, à proliferação das novas tecnologias. *Vida Simples* responde a esse desejo de retorno a um estilo anterior de vida. Esse saudosismo em relação a um passado não muito distante é o ingrediente que faz com que essa

revista e outras do gênero tenham aceitação e credibilidade e faz parte de suas condições de produção. Ela responde com arte, criatividade, sensibilidade e humor, com sentimento de coletividade, com resgate e propagação de valores aos anseios de muitos que buscam um estilo de vida misto entre os benefícios da tecnologia e aqueles trazidos por um jeito de viver menos complexo, mais singelo, ou seja, mais “simples”.

E qual seria a acepção do vocábulo “simples” que aparece no título da revista?

Algumas das definições que encontramos nos dicionários evocam palavras como: singelo, natural, espontâneo, não afetado, puro, não misturado, claro, evidente, compreensível, simplório, humilde, modesto, pobre, ingênuo, ordinário, normal, vulgar, comum. E também pela negativa: o que não é duplo, múltiplo ou desdobrado; o que não é complexo; e que não tem ornatos ou elementos acrescentados. Se, seguindo uma outra via, perguntarmos para algumas pessoas o que é para elas uma “vida simples”, podemos ouvir respostas como: uma vida que privilegie o despojamento, o desprendimento; uma vida sem luxo ou ostentação; uma vida sem excessos, ligada ao essencial; ou ainda uma vida sem complicações, que não apresenta dificuldade. Podemos ouvir também que ter uma vida simples é: priorizar o que é necessário, dar valor ao que realmente importa, dar atenção às pequenas atitudes e aos gestos do dia-a-dia.

Tudo isso parece ter sido considerado pela revista. Eis, por exemplo, as 10 idéias que, em sua primeira edição, *Vida Simples* apresentou para tornar a vida do leitor mais simples e melhor: conhecer a si mesmo, praticar o bem, aproximar-se da natureza, livrar-se do supérfluo, desacelerar, consumir com consciência, cultivar a auto-suficiência, comer com sabedoria, exercitar a aceitação e, finalmente, rir bastante. Já a frase vencedora da promoção realizada pela revista, em resposta à pergunta “O que *Vida Simples* significa para você?”, foi a seguinte: “Significa uma volta às origens e ao que é vital, saudável e necessário”. Tais

concepções podem nos ajudar a entender o espírito de *Vida Simples* e as imagens nela expostas.

2.1.1 Os textos visuais

As duas figuras abaixo são ilustrativas dos textos encontrados da revista *Vida Simples* e servem bem ao propósito de mostrar que, ao analisarmos os textos visuais nessa revista, uma primeira consideração que nos cabe fazer é que o espaço destinado às imagens é muito grande e que, como se pode observar, juntamente com o visual, sempre há um espaço, ainda que diminuto em alguns casos, reservado ao texto verbal. Isso mostra a patente multimodalidade nessa revista. As edições das quais foram extraídas as imagens analisadas estão especificadas abaixo de cada figura:

Figura 1: Pequenos itens cotidianos.



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 36, dez. 2005, p. 16 e 17.

Figura 2: Paisagem de um beco com céu ao fundo.



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 44, ago. 2006, p. 46 e 47

Não há como ignorar a atenção que é dada ao visual diante de páginas e mais páginas cobertas por ilustrações. Vale ressaltar que as fotos são feitas especialmente para ilustrar as matérias, o que muitas vezes não acontece nas outras revistas, que recorrem usualmente a fotos de agências. Percebe-se também que em inúmeras páginas o texto visual tem maior destaque do que o verbal. Isso aponta para o fato de que a revista busca uma interação visual com o leitor, por meio de imagens que ele já conhece ou deseja conhecer, que lhe causam lembranças ou desejos.

A seguir fazem-se algumas considerações sobre a capa de uma das primeiras edições e, posteriormente, uma análise da capa de uma edição mais recente.

Figura 3: Menina na corda



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 3, abril, 2003, capa.

Na edição 3 (capa acima), podemos notar que o fundo em linhas diagonais, assim como a falta de foco ao redor da menininha que ocupa o lugar de actante — participante em evidência —, transmitem a idéia de movimento. As vestimentas da criança indicam despojamento e a brincadeira que pratica remete a velhos tempos de brincadeira de rua, quintal, praça ou jardim, em que a diversão era improvisada. A expressão no seu rosto é de satisfação. Na manchete, as palavras “vida” e “alegria” recebem destaque pelo tamanho das letras, bem maior do que as das outras palavras, e complementam a atmosfera que se pretende criar, de que não é preciso muito para se viver bem e feliz. Mas a atenção especial é destinada mesmo à imagem, que, além de ocupar o centro da página, torna-se proeminente em razão de sua dimensão e do desfazimento do foco do restante da imagem, que tem hachuras esbranquiçadas indicativas do movimento em relação à corda que balança a menina.

É curioso observar que o corpo da criança delimita o espaço a ser preenchido pelo texto verbal. A imagem fica no núcleo e é margeada, principalmente na parte de baixo, pela

escrita. Cria-se, inclusive, um efeito visual em que parece que a menina, ao se balançar, passa pelo espaço deixado entre as letras.

Pode-se observar o poder de referencialidade da imagem. O modo de vestir, a expressão do rosto e o gesto do participante representado, enfim, sua aparência em geral, devem ser considerados como portadores de significado. Vejamos uma capa mais recente:

Figura 4: Sozinho e feliz



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 15, abril, 2004, capa.

Ao analisarmos a capa da edição 15 (acima), podemos observar que há um elemento ao centro que não tem uma correspondência totalmente clara com o assunto de que trata a matéria. A mensagem não é explícita e, justamente pela falta de obviedade, desperta a curiosidade. Exige-se uma operação mental de dedução e associação para que a leitura de uma escova de dente única em um copo se ligue a alguém que vive só: “Sozinho e feliz”.

Quanto mais bem desenvolvido for o repertório visual do leitor, melhor a compreensão das imagens. O fundo todo coberto por azulejos e a estreita prateleira de vidro que sustenta um copo com uma escova de dentes dentro indicam que se trata de um banheiro. A escova de dentes, sozinha no copo, remete àquela expressão que as pessoas usam quando vão se casar ou morar junto com alguém: “vamos juntar nossas escovas de dentes”. O tipo de escova de dentes escolhido para a ilustração também pode transmitir a mensagem de que se trata de uma pessoa de bem com a vida, com bom humor, o que mostra uma conexão com a palavra “feliz” da manchete.

As cores também falam. O banheiro azul, por exemplo, provoca o efeito de sentido de alguém que diz: “Tudo azul!”. Essa expressão é coloquialmente usada no Brasil para dizer que está tudo bem. Há ainda o branco da escova, que tem pequenos detalhes amarelos vistos pela transparência do copo, o que também pode provocar o efeito de sentido da paz — ligada discursivamente à cor branca — e tranquilidade de estar sozinho.

Aparecem, portanto, elementos indiciais e icônicos que nos permitem fazer associações para apreender a mensagem transmitida. Ocorre um processo de dedução antes de o leitor recorrer ao texto escrito, que, por sua vez, complementa os efeitos de sentido provocados pela imagem: o texto esclarece que a matéria fala sobre como pessoas que moram sozinhas podem viver bem.

No que diz respeito ao destaque dado aos elementos que formam a composição da página, o objeto que ocupa o centro, em contraposição ao fundo de azulejos que cobre toda a página, exerce alto poder de atração justamente em função de sua localização e sobretudo por se tratar de texto visual. A imagem do copo está centralizada na página e o verbal ocupa a parte superior e a parte inferior da página. O fato de não constar nada mais, além do fundo,

nem à direita nem à esquerda do copo com a escova faz com que ele reine no centro da página e confere-lhe ainda maior relevância.

O aspecto multimodal do texto da capa é sugestivo quanto às idéias associativas que o signo icônico pode provocar no intérprete. A interpretação, nesse caso, pode ser mais demorada para alguns leitores menos atentos, pois exige inferências por parte do intérprete.

A seguir temos as imagens de duas páginas centrais da revista:

Figura 5: Horta e reciclagem em latas de azeite de oliva



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 3, abril, 2003, p. 42-43.

Nas páginas acima, podemos observar também que grande espaço é preenchido pela imagem, em contraposição à pequena área ocupada pelo texto verbal. Notamos também que, assim como em tantas outras páginas, é construído um verdadeiro cenário. Essa imagem representa muito bem a proposta da revista: a tentativa de adaptação do estilo de vida do campo, do jeito simples de viver do passado, aos dias de hoje, nas grandes cidades.

Pode-se notar que o “simples” é construído. São utilizadas latas de azeite — bons azeites do tipo extravirgem, incluindo alguns importados — no lugar de vasos de plantas, não por falta de condições, mas por opção. Sugere-se uma decisão consciente, o que é confirmado

pela legenda, que ressalta: “Conexão com a natureza e reaproveitamento combinam-se nesta janela. E lembram a casa da tia.”. Por trás dessa imagem, estaria uma pessoa bem informada, que se preocupa com questões ambientais, tais como a redução da quantidade do lixo, o não desperdício de matéria-prima e a reciclagem; que evita o consumismo; que privilegia o contato com a natureza, com o verde; que, mesmo dentro de um apartamento, não dispensa uma hortinha de orgânicos. Também privilegia o conhecimento e o acesso às coisas boas e nem sempre baratas, como um bom azeite de oliva, deixando a pista do uso constante desse produto, já que as latas são em quantidade suficiente para fazer uma pequena horta.

Também as cores têm papel fundamental: o verde no título da matéria, no nome do autor e nos subtítulos remete à natureza. O mesmo ocorre com as letras do título: minúsculas, em fonte leve, sem detalhes decorativos, combinam com a palavra “frugal”, que, por sua vez, remete à simplicidade.

Abaixo mais uma imagem a ser analisada:

Figura 6: Vaquinha entalhada em berinjela



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 28, maio, 2005, p. 20.

No caso da ilustração acima, é possível observar, além da criatividade, também a constituição da imagem em texto visual: a vaca esculpida em uma berinjela sugere discursivamente que a carne pode ser substituída pelo vegetal. Como se pode verificar, o texto visual é tão utilizado para fazer proliferar discursos quanto o texto verbal. Os efeitos de sentido provocados pelas imagens bem estruturadas, dimensionadas, coerentes servem à argumentatividade e à persuasão tanto quanto — ou, em alguns casos, até mais — os provocados pelos textos verbais.

Podemos observar nas páginas da revista *Vida Simples* uma configuração de valor semiótico, que se alicerça prioritariamente no poder sugestivo do texto visual, em detrimento de sua função referencial explícita ou apenas ilustrativa. Isso promove uma interação mais eficaz com o leitor, com alto poder de penetração afetiva. Para completar, o texto verbal também entra no jogo.

2.1.2 A escrita

Entre as várias observações que podemos fazer acerca do discurso de *Vida Simples* está a de que a revista privilegia certos modos de agir. Refuta certas posições e abre caminho para novos discursos, que retomam o que sempre existiu: reverência à terra, maior contato com a natureza, atenção ao outro, resgate de valores que vão se perdendo no mundo pós-moderno, vida sem excessos, pensamento que tem em conta a coletividade. A revista questiona costumes arraigados e prega a mudança de atitude. Portanto, em muitos aspectos nada contra a corrente, mas deixa marcada a sua posição.

O tipo gráfico das letras, leve e fino, e a distribuição do texto escrito no interior da revista, que, sem ocupar as páginas por inteiro, deixa bastante espaço em branco, contribuem para uma limpeza gráfica e para a impressão de organização. As matérias são apresentadas de maneira didática. Especialmente as reportagens principais são divididas em subtítulos e muitas vezes oferecem um resumo com as principais informações e, ainda, quadros de classificações, dicas etc. Ao final de cada matéria, no *Para saber mais*, são apresentadas dicas de livros e de *sites* para aqueles que quiserem aprofundar o conhecimento sobre o tema.

Os jornalistas de *Vida Simples* utilizam-se de alguns recursos lingüísticos para se aproximarem do leitor e tornarem-se mais íntimos dele: usam o pronome de tratamento “você” para se dirigirem ao leitor, recorrem a verbos no imperativo quando pretendem que o leitor tome determinadas atitudes, contam sempre experiências pessoais e abusam do pronome pessoal na primeira pessoa.

As matérias muitas vezes começam com depoimentos do autor, o que o torna mais próximo do leitor e permite uma linguagem mais informal. Na edição 28, é assim que o jornalista começa a matéria sobre parto natural:

O parto de minha mulher tinha tudo para ser mais uma cesárea. Tiago tinha duas voltas de cordão umbilical no pescoço e a bolsa de água já tinha estourado havia mais de 24 horas, sem sinais de contração. Eram 9 da noite em minha casa em Ubatuba, numa praia afastada cerca de 20 minutos do hospital mais próximo. Na cena, minha mulher, eu e Zaki, a parteira. Resolvemos meditar os três para a criança nascer. Duas horas depois, Carol entrou em trabalho de parto. A dilatação começou a aumentar lentamente. Zaki controlava as batidas cardíacas do bebê e a dilatação. Chás, florais, massagens e até acupuntura ela usou durante a madrugada inteira. Ao nascer do dia, junto com o primeiro raio de sol, Carol deu à luz um bebê lindo, que depois ganhou o nome de Tiago. O que para nós foi uma alegria profunda, para nossos pais e amigos foi um ato cujos adjetivos derivaram entre "coragem" e "loucura". Só minha avó deu de ombros: "Foi assim que tive sua mãe e meus outros quatro filhos...". (PETTA, Eduardo. A coisa mais natural do mundo. *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 28, p. 31, maio, 2005.)

O uso do imperativo para chamar a atenção do leitor e atrair sua participação é outro mecanismo que estabelece um vínculo entre o autor e o leitor, exigindo deste uma atitude responsiva, um posicionamento diante do que lhe é dito como se fosse uma ordem ou um conselho dado por alguém próximo. É o que podemos observar na matéria *Perca seu tempo*, da edição 20:

Em primeiro lugar, obrigado. Se você está lendo esta reportagem, é porque me emprestou cinco minutos do seu tempo. É uma honra. Eu sei, a reportagem tem oito páginas, parece durar mais que isso, mas, acredite, dá para falar o essencial em cinco minutos. Mas espere! Não comece a contar ainda. Se eu só disponho de cinco minutos da sua atenção, quero ela toda para mim. Para me certificar de que você vai estar todo ouvidos, peço que tire o relógio, por favor. Sim, senão você vai olhar para ele o tempo todo. Prometo que quando der cinco minutos eu aviso. Se não é pedir demais, tire também o telefone do gancho, desligue o computador e a TV, peça às crianças que brinquem para lá e avise a quem estiver por perto para não o solicitar nem incomodar. Se puder ir a um local próximo onde ninguém atrapalhe, melhor. Vamos lá, são só cinco minutos. Olha, para facilitar, eu abro um parágrafo. Prepare isso tudo que eu disse e nos encontramos na próxima página, certo? Vai lá. (VERGARA, Rodrigo. Você tem cinco minutos? *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 20, p. 23, set. 2004).

É importante ressaltar que os jornalistas recorrem a especialistas, pesquisadores e estudiosos para legitimar as informações transmitidas. Sem deixar de dar sua visão pessoal, eles as fundamentam em palavras de outros, usadas como argumentos de autoridade. Ouvem-se também, por meio dos autores, as vozes dos mestres de tradições milenares, líderes espirituais e pensadores da Antigüidade.

Recorrendo à memória discursiva social, a revista marca e dissemina discursos, contribuindo ideologicamente para manter vivas idéias que reverenciam o passado. Para isso, ela exalta a sabedoria dos antigos e repete ditos populares. Ao mesmo tempo, ela se posiciona como divulgadora de movimentos de resgate que surgem na atualidade: como aquele que propõe que se deixe um livro em um banco da praça para que alguém o encontre, o que

defende que se deixe uma folha em branco na Internet em resposta ao bombardeamento de informações, o *slow food*, iniciado na Europa em oposição ao *fast food*, e muitos outros.

As primeiras edições da revista apresentaram matérias com temas e assertivas mais radicais. É o caso, por exemplo, das sociedades alternativas: pessoas que largam empregos bem remunerados em grandes cidades por uma vida mais frugal e desprendida, como pregam o naturalismo e o vegetarianismo.

Percebe-se, no entanto, no decorrer do tempo, uma mudança discursiva: se você não pode dar uma reviravolta na sua vida, adapte-se, invente, crie maneiras de se conectar ao universo, à natureza, às pessoas; melhore sua relação com o outro (pode ser o vizinho), com o meio ambiente (até mesmo com a praça em frente à sua casa), com a família, com você mesmo, com o trabalho. As matérias passaram a apresentar propostas mais flexíveis, como sugestões para viver bem em grandes cidades; formas de desfrutar a rotina, ao invés de reclamar dela; retiro de final de semana.

Na reportagem *Você tem fome de quê?*, no entanto, podem-se observar vários mecanismos para convencer os leitores a, por exemplo, não comerem carne. A revista deixa clara sua posição nas expressões escolhidas, que transmitem a ideologia da revista. Ela já apresenta o julgamento pronto, julga por nós. Vejamos abaixo:

Tudo bem, ser vegetariano ou não é uma questão pessoal — mas apenas até certo ponto. Porque não há como se alienar da maneira como todo tipo de carne é produzido hoje. Boa parte dos disparates da distribuição de comida no mundo podem ser entendidos quando observamos as indústrias bovina, avícola e suína. A produção de cada quilo de carne de gado consome 7 quilos de grãos, usados na alimentação do animal — grãos que poderiam alimentar muito mais pessoas e não apenas aquelas que podem pagar pela carne — 38% da colheita mundial de grãos é destinada aos rebanhos. (DINES, Débora. Você tem fome de quê? *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 3, p. 36, abril, 2003, grifos nossos).

O texto afirma que optar por ser vegetariano é uma questão pessoal, apenas para refutar essa posição logo a seguir, apresentando argumentos que buscam convencer o leitor

por meio de uma avaliação moral. É como se dissesse diretamente: “Não é uma questão pessoal, mas de “amor ao próximo”, pois cada quilo de carne que você come poderia matar a fome de inúmeras pessoas com 7 quilos de grãos”. Desse modo, a responsabilidade por comer a carne e fazer com que outros passem fome por isso é posta no leitor. A escolha pessoal não seria a de ser ou não vegetariano, mas de decidir se come ou não a carne, contribuindo por matar ou não outras pessoas de fome.

Na frase a seguir podemos observar, por meio do uso das palavras “evolução” e “sofisticada”, o julgamento que a revista faz daqueles que comem carne, como sendo seres inferiores:

A evolução para uma atitude ainda mais sofisticada em relação à alimentação acaba vindo naturalmente (por exemplo, abandonar a carne vermelha, o primeiro movimento entre os que pretendem dar uma reviravolta no cardápio). (DINES, Débora. Você tem fome de quê? *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 3, p. 41, abril, 2003.)

Por meio dos argumentos que apresenta, a revista, apesar de afirmar que cada um é responsável por sua escolha, não apenas apresenta alternativas e faz sugestões, mas procura persuadir o leitor a adotar a atitude defendida por ela. Se ele não fizer o que a revista apregoa como sendo o melhor para todos, estará contribuindo não somente para uma vida pessoal mais difícil e complicada, menos saudável etc., mas também para um mundo cada vez pior. A responsabilidade é do leitor. Nesse jogo discursivo estão os mecanismos de produção de efeitos de sentido veiculados por *Vida Simples*.

2.1.3 A relação com os leitores

Como vimos na fundamentação teórica deste trabalho, o sujeito se completa na interação com o outro, e os sentidos são construídos na interação entre o autor, o texto e o leitor. Os sujeitos-autores da revista escrevem para um sujeito-leitor (ORLANDI, 2005a) cuja imagem eles constroem, mas não são totalmente alheios ao modo de ser de seus interlocutores. No início, quando *Vida Simples* era um suplemento especial da revista *Superinteressante*, eles podiam ter como base os leitores desse veículo de comunicação para imaginarem as pessoas com as quais estariam interagindo.

Depois de um certo tempo, *Vida Simples* foi adquirindo independência, e as cartas dos leitores passaram a ser as pistas a serem seguidas para a melhor identificação do público que a revista conquistava. Nas cartas, os leitores, além de apresentarem críticas e sugestões, falam sobre suas preferências e sobre sua relação com a revista.

Ainda não satisfeita, a equipe de *Vida Simples* elaborou um questionário e pediu aos leitores que o respondessem e o enviassem para a revista. A pesquisa foi feita em novembro de 2004, na edição 22. Havia perguntas sobre quem eram, o que faziam, do que gostavam, como viam o mundo e do que sentiam falta. Inúmeros leitores responderam.

Por meio das cartas e do questionário, a revista munuiu-se de dados que lhe permitiram conhecer melhor os seus leitores e abordar temas mais direcionados a eles. Pôde adequar o seu discurso para agradar a um número maior de leitores. Por meio desse mecanismo, torna-se possível promover, de certo modo e até certo ponto, uma aproximação entre o leitor-virtual e os sujeitos-leitores da revista. Sabendo quem lê a revista e de que lugar discursivo esse leitor a lê, o sujeito-autor “imagina” um leitor-virtual que se configura como

mais próximo do perfil do sujeito-leitor (“real”). Sabendo do que esses leitores sentem falta, a revista pode também ser mais persuasiva em seus posicionamentos.

Outro artifício que contribui para estreitar o vínculo entre autores e leitores é o fato de os jornalistas de *Vida Simples* se mostrarem para os leitores não somente como profissionais. Quando se lê a matéria, não se vê apenas o que está escrito, mas se enxerga a pessoa que está por detrás daquelas palavras. Não é priorizado o tão pregado objetivismo do jornalismo. Os jornalistas deixam marcas de sua autoria.

Como explica o editor Rodrigo Vergara na seção *Carta ao leitor* da edição 33, de outubro de 2005, p. 16, “vale, e muito, a experiência pessoal de cada repórter. [...] E é por isso que muitas vezes os textos da revista começam ou terminam com depoimentos em primeira pessoa do autor.” Diz ainda esse editor que a pretensão é que as reportagens da revista sejam autorais e representem fielmente a verdade que o repórter construiu ao pesquisar o assunto.

Ainda na seção *Carta ao leitor*, citada no último parágrafo, o editor, cuja foto aparece no alto da página da seção, fala sobre ele mesmo, sobre os colegas e sobre o que acontece na redação, deixando os leitores a par do andamento do trabalho. Dá boas-vindas aos que chegam (ao apresentar a colunista Sandra Chemin, depois de mencionar seu nome, chamou-a de San-san, mais um indicativo de que se pretende criar um clima de intimidade entre leitores e autores) e se despede de outros. Com isso, cria-se a impressão de que se trata de uma pessoa conhecida.

Já os quatro colunistas das páginas finais de cada edição, que também têm seus rostos estampados em fotos no alto da coluna, falam sobre seu dia-a-dia, seus filhos, suas casas, seus trabalhos, sobre pessoas com quem esbarram, experiências por que passam,

aventuras que vivem, reflexões que realizam etc. É como se os leitores acompanhassem um pouquinho de suas vidas. Estabelece-se uma conversa com os leitores.

Por meio desses mecanismos, a revista consegue criar uma atmosfera amigável, um laço entre leitores e autores, um modo de fortalecer essa relação. Falando deles mesmos criam um clima de cumplicidade, de confiança, e, conhecendo melhor aqueles para quem falam, podem falar aquilo que eles querem ouvir.

Outro resultado obtido pelo fortalecimento dessa relação é a maior possibilidade de que os leitores se tornem fiéis à revista. Em última instância, isso se reflete também na relação de consumo que está por trás dessa ligação e que não pode ser desconsiderada. Afinal de contas, é preciso vender a revista.

No entanto, é inevitável o choque entre o sujeito-leitor e o leitor-virtual, aquele leitor ideal inscrito no texto por antecipação (cf. capítulo anterior, seção 1.1.2). Uma das reportagens, por exemplo, propõe ao leitor afastar-se da rotina, dar “uma parada em busca de qualidade de vida, mudança de hábitos e realização pessoal”. Diz a matéria:

Trocando em miúdos, isso quer dizer parar mesmo de trabalhar, estudar, cuidar da casa, das crianças. Enfim, interromper temporariamente a atividade principal. Não se trata de férias, é uma parada mesmo. Coisa de mais de um mês — podem ser meses ou anos, isso é você quem decide, dependendo do que pretende fazer com esse tempo. (KOSTMAN, Ariel. Saia de cena. *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 37, p. 31, jan. 2006).

No entanto, para a grande maioria das pessoas, incluindo os leitores de *Vida Simples*, conseguir executar esse projeto não é nada fácil e soa como algo ilusório. A pessoa pode até ter vontade de fazer o que é proposto, mas muitas vezes isso pode ser totalmente inviável. Ou seja: pode ser menos “simples” sair da rotina do que permanecer nela.

Ao mesmo tempo em que, em determinadas matérias, a revista propõe atitudes difíceis de serem tomadas, apresenta, em outras, propostas menos ambiciosas e mais possíveis de serem realizadas pelos leitores. É o caso, por exemplo, de um retiro de fim de semana sozinho, algo talvez mais fácil de ser concretizado pelos leitores “reais” da revista.

É difícil dizer com certeza se os autores se propõem a motivar uma real mudança de atitude de seus leitores ou apenas desejam proporcionar uma leitura agradável, leve e acolhedora, no dia-a-dia conturbado de hoje, e, conseqüentemente, vender sua revista. Nesse jogo, a revista já realiza de certo modo o desejo do leitor, no campo do imaginário, ao construir um mundo no qual ele gostaria de viver, mas pode pretender efetivamente uma atitude responsiva do leitor: que ele tenha atitudes diferentes, tome decisões que o façam mudar não apenas a maneira de pensar, mas sua própria vida, sempre motivado pela revista. A aplicação do que a revista postula como a melhor maneira de viver, entretanto, pode ser considerada questionável quanto à possibilidade de aplicação prática pelos leitores.

As cartas dos leitores, por outro lado, nos permitem perceber que vários são os efeitos que os discursos veiculados na revista podem despertar: emocionais, quando o leitor é tomado por um sentimento; reativos, quando o leitor é levado a agir em função da interação com a revista; e mentais, quando o leitor é levado a refletir. Há aqueles leitores que buscam uma leitura prazerosa, há aqueles que repensam a maneira de agir e há ainda aqueles que partem para a uma tomada de atitude (ANEXOS 1 e 2).

Podem-se observar abaixo alguns trechos de cartas dos leitores que vêm demonstrar o que foi dito. O primeiro trecho está mais relacionado ao sentimento, e também à reflexão, que a revista provocou no leitor:

Nunca escrevi uma linha sequer para revistas ou jornais que leio, mas *Vida Simples* me emocionou. Ela me ajuda a perceber que menos é mais e que a simplicidade e a espontaneidade são o caminho para a felicidade. (*Vida Simples*, Ed. 20, set. 2004, p. 6)

O segundo trecho mostra que a matéria da revista levou o leitor a pensar de forma diferente:

[...] Sou tio novato há apenas seis meses e já estava pensando em quais brinquedos comprar para Maria Eduarda. Eu era totalmente contra a compra de bonecas e utensílios de cozinha, achava que a criança não deveria desde pequena aprender a ser mãe e dona de casa. Depois que li a reportagem e a opinião dos especialistas, percebi que não devo influenciar na escolha dela, pois a maneira de brincar do meu ponto de vista definitivamente não é o mesmo que o dela. Mais um texto simples e útil, de leitura agradável. (*Vida Simples*, Ed. 32, set. 2005, p. 11)

A partir do terceiro trecho, percebemos que a revista levou o leitor a tomar uma atitude diferente:

Gostei muito da reportagem “Pé na lama”, sobre sujar sem ficar se preocupando tanto, aproveitar o momento. O legal é que fui para a praia e fiz algo que não fazia desde que era criança. Sentei na beira da praia, na areia, e esperava uma onda ou outra chegar até mim. [...] (*Vida Simples*, Ed. 32, set. 2005, p. 11)

A revista, por sua vez, mostra que ouve os leitores. Aborda temas por eles sugeridos, esclarece-lhes dúvidas e faz modificações por eles solicitadas. Isso ocorreu, por exemplo, no caso do aumento do tamanho da letra solicitado por um leitor. Portanto, tanto o autor quanto o leitor, cada um com sua historicidade, constroem sentidos. Existe o diálogo, a comunicação é efetiva, e *Vida Simples* é o resultado dessa relação, das interferências do autor e do leitor no sentido do texto.

As revistas em geral, principalmente aquelas que, como *Vida Simples*, têm periodicidade mensal, constituem um gênero que permite que os discursos sejam veiculados por meio de uma apresentação mais bem cuidada. Os responsáveis pela revista dedicam-se a ela durante um mês para que o trabalho tenha o melhor resultado possível e durante esse tempo estabelecem uma relação com aquela edição. Além disso, no tocante ao leitor, dispõe

ele de um mês para desfrutar do conteúdo da revista, e cria-se todo um clima de expectativa em relação à chegada da edição seguinte. Esse gênero discursivo permite ainda uma linguagem mais informal, mais próxima e mais afetiva. Todos esses fatores ajudam, portanto, na construção da relação dos leitores com a revista.

2.1.4 Uma leitura multimodal

Para se fazer uma entre as tantas leituras multimodais possíveis da revista *Vida Simples* é preciso considerar os códigos em conjunto e não de forma isolada. Inicialmente, faremos algumas observações e comparações entre capas das primeiras edições e capas de edições posteriores que já apresentavam uma concepção diferente. Posteriormente, serão analisados 4 conjuntos de figuras. A fonte de onde foram extraídas as figuras encontra-se logo abaixo destas. A seguir temos, então, capas de cinco edições mais antigas da revista:

Figura 7: Conjunto de capas da primeira fase da revista *Vida Simples*



Fonte: Disponível em <www.revistavidasimples.com.br>

Por ser o primeiro contato da revista com o leitor, a capa deve apresentar mecanismos para seduzi-lo e encaminhá-lo para a leitura do interior da revista. Desse modo,

pode-se observar nas capas da primeira fase da revista que elas são organizadas tendo por ponto central fotografias de pessoas com aparência saudável, em contato com a natureza, recebendo a luz do sol, se alimentando de saladas, em posição de ioga, de meditação, fazendo massagem, enfim, praticando alguma atividade relaxante. Palavras positivas, como “bem” e “feliz” recebem destaque pelo tamanho e, juntamente com as imagens, formam um conjunto harmônico que transmite a idéia de bem-estar. O título da revista, em destaque pelo tamanho e pela simplicidade das letras, complementa o conjunto. O leitor é atraído, portanto, por palavras positivas e imagens ligadas à saúde e relaxamento. Vejamos as seguintes:

Figura 8: Conjunto demonstrativo do novo conceito de capas da revista *Vida Simples*



Fonte: Disponível em: <www.revistavidasimples.com.br>

A revista adotou, posteriormente, como podemos observar em edições mais recentes, um novo conceito de capa. Ao invés de apresentarem pessoas, as capas começaram a estampar ícones, que exigem do leitor a procura de pistas, no texto verbal, para construir o sentido pretendido pelo autor. O leitor, portanto, tem de considerar o conjunto da página, a combinação dos seus elementos, para confirmar sua leitura do texto, numa perspectiva multimodal. Pode-se notar, portanto, que, nas relações entre palavras e imagens, predomina a complementaridade. O leitor pode, no entanto, não ter consciência disso, mas, quando faz sua leitura com base em textos visuais e verbais, está fazendo uma leitura multimodal.

Nas capas apresentadas anteriormente, nota-se, a começar pelo título, que o tipo gráfico utilizado tem consonância com o que é dito, pois é reduzido ao máximo de simplicidade. São letras minúsculas, em fonte leve, com linhas arredondadas, numa escrita muito parecida com a grafia manual, sem nenhum tipo de recurso decorativo. As letras do título, as da manchete — também minúsculas — e de seu texto explicativo, assim como as das chamadas para outras matérias, são mais cheias que as outras e, com isso, recebem maior destaque. O tamanho das letras do título e da manchete também lhes confere maior relevância. As outras inscrições são feitas em letras maiúsculas, também em fonte leve e fina.

As capas são recobertas por uma única cor, que fica em evidência por ocupar todo o fundo da página e não ser escondida por manchas gráficas e ilustrações. Há em todas um único objeto ao centro. A distribuição dos elementos, tanto verbais quanto imagéticos, apresenta um resultado limpo, sem rebuscamento ou exagero, e transmite um ar de organização e elegância, em contraposição ao que se observa em outras revistas, revestidas por capas visualmente poluídas, que criam um efeito de saturação verbal e visual. A falta do elemento humano também as tornam diferentes das de outras revistas. Faz-se opção por

elementos que funcionam como ícones, que despertam a curiosidade do leitor e demandam interpretação.

O título vem acima da página, como é de se esperar, e o subtítulo logo abaixo. A imagem que ilustra a matéria principal aparece ao centro. Logo acima dela, vem sua manchete, com um texto explicativo embaixo. Ao final da página, aparecem as chamadas para três matérias, dispostas uma ao lado da outra, acompanhadas por pequenos textos que as complementam. Mais abaixo, há uma linha que funciona como divisória para separar o espaço inferior da página, que é ocupado pelas chamadas para os outros conteúdos da revista. A impressão é de que cada coisa se encontra em seu devido lugar.

A cor, exatamente por ser em um único tom que domina toda a página, é responsável pela primeira interação com o leitor, é o que atrai o seu olhar. São geralmente cores que chamam a atenção, ou por serem fortes e diferentes, não muito vistas em capas de revista — amarelo, verde limão, vermelho, terra —, ou pela sua ausência — o branco e o bege também são muito utilizados e contribuem para a sensação de espaços não preenchidos, para o efeito *clean*. A cor se antecipa aos outros códigos e permite que imaginemos a rota a ser percorrida pelo olhar do leitor: a cor chama a sua atenção, a imagem captura seu olhar e o leva a fazer deduções e a manchete o direciona para os efeitos de sentido que a revista deseja provocar, ou seja, para a leitura que se quer que o leitor faça.

Em muitos exemplares de *Vida Simples* é utilizado um plano de fundo que liga o objeto ao seu contexto. Esse artifício, juntamente com as informações trazidas pelo texto verbal, podem despertar sensações e sentimentos ou provocar julgamento. Chinelos de ficar em casa sobre tapetes felpudos combinados com a expressão “preguiça da boa” passam a sensação de conforto; já chinelos de borracha sobre a grama, combinados com a expressão “perca seu tempo”, sugerem lazer; um ursinho de pelúcia sobre a prateleira de uma estante de

madeira — supostamente de um quarto infantil —, combinado com a expressão “amizade verdadeira”, remete ao amiguinho de brinquedo com que a criança dorme abraçada para não sentir medo à noite; uma concha sobre a areia, juntamente com a expressão “descubra sua beleza”, permite que se perceba que se defenderá o ponto de vista de que beleza não é só aparência física.

A revista surpreende o leitor com os recursos de que lança mão para tornar a leitura mais lúdica. Na capa da edição 23, aparece um anão de jardim, acompanhado da seguinte frase: “Não leve a vida tão a sério”.

Figura 9, 10 e 11: Onde está o anão?



Fonte: *Vida Simples*, ed. 23, dez. 2004, capa, p. 36, p. 52.

O anão é um personagem muito presente em contos de fadas e, por isso, já cria uma atmosfera lúdica. Além disso, a revista faz uma brincadeira com os leitores e esconde o anão em várias páginas da revista. O leitor se surpreende ao encontrar o anão, ou parte dele, escondido em meio às imagens de diversas matérias, como atrás da caixa, na segunda imagem da página anterior (veja o pé do boneco) ou no caminhão (ANEXOS 3 e 4). Aqueles que viram *O Fabuloso Destino de Amélie Poulain* podem perceber a intertextualidade dessa imagem e dessa brincadeira com o filme francês, em que Amélie rouba o amado anão de jardim de seu pai, pede à sua amiga aeromoça que envie fotos do anão junto a diversos monumentos famosos do mundo e envie-as para seu pai, endereçadas pelo anão. É divertido reencontrar o anão turista viajando nas páginas de *Vida Simples*.

Outra oportunidade em que a revista criou uma situação divertida foi quando ilustrou a reportagem sobre organização com a brincadeira em que ligamos os pontinhos, seguindo os números, para formar figuras. Na última ilustração, os pontinhos vieram sem números. Dessa forma, pôde-se mostrar como, sem um planejamento, sem uma rota a seguir, é muito provável a situação se transformar em caos.

Em muitas matérias aparecem seqüências de fotos que sugerem acontecimentos progressivos, como podemos observar nos exemplos seguintes. Tal mecanismo parece transmitir que, para conseguirmos alcançar um objetivo, temos que passar por várias etapas. A surpresa é ir lendo a matéria e, a cada virar de página, deparar-se com a foto seguinte. Vejamos:

Figuras 12, 13 e 14: Mulher grávida



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 28, maio, 2005, p. 30, p.32, p.34

No caso da foto da grávida, o casaquinho pronto na terceira imagem dá a sensação de que ela já está preparada para receber o bebê.

Mais uma seqüência:

Figuras 15, 16 e 17: Carro fazendo baliza



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 20, set. 2004, p. 50, p. 52, p. 54.

As imagens do fusca ilustram bem a matéria intitulada *É errando que se aprende*. As legendas vão complementando a informação. Primeira foto: “Opa! Desta vez não deu. Acertar de primeira é difícil mesmo”. Segunda foto: “Xi, também não foi desta vez. Mas já

ficou mais perto. Se prestar atenção no que saiu errado, é capaz de acertar na próxima”. Terceira foto: “E pronto! Ainda não está perfeito, mas já pode ser considerado um sucesso. Dá próxima vez dá para fazer ainda melhor”.

Há também uma matéria em que consta uma foto de pilhas de louças sujas, seguida por uma de louças sendo lavadas e, depois, por uma em que aparece a pia limpinha. A visualização das etapas e do resultado ajuda a entender que temos que passar por um processo para chegar ao resultado final.

É interessante notar as fotos dos editores e colunistas, que parecem retiradas de seus álbuns pessoais, outra estratégia que os aproxima dos leitores:

Figuras 18, 19 e 20: Fotografias de editores e colunistas



Fonte: *Vida Simples*, Ed. 42, jun. 2006, p. 18; Ed. 32, set. 2005, p. 14; Ed. 36, dez. 2005, p.12.

Diferentemente do que ocorre em outras revistas, eles aparecem sorridentes, como se estivessem ao ar livre. Pode ser percebida a iluminação do sol em seus rostos, o movimento dos seus cabelos, e, atrás deles, o céu, árvores ou ainda a cidade e seu verde ao longe. Transmite-se, assim, a idéia de que eles estão conectados com a natureza.

Por se tratar de uma leitura multimodal, não há como deixar de mencionar o site da revista: www.revistavidasimples.com.br, onde o leitor pode participar de fóruns e

enquetes, consultar edições anteriores, a agenda e os *links* mencionados pela revista, enviar mensagens e ler matérias exclusivas para o *site*.

Analisando as primeiras edições, em contraposição com as mais recentes, podemos observar que *Vida Simples* veio experimentando novos caminhos, ousando e moldando seu jeito. Chegou, então, a uma apresentação moderna, que explora diversos modos de representação, por meio de desenhos, fotos, pintura; apresenta idéias inovadoras, inteligentes e criativas, que fogem do convencional; e atrai a participação do leitor por meio de situações divertidas, o que tem grande poder de sedução.

É dessa forma que a revista apresenta o seu discurso que privilegia a sabedoria dos mais velhos e dos antigos, exalta a tradição, defende a volta às origens, a reverência à terra, a conexão com o planeta e com as criaturas. *Vida Simples* fala, de maneira atual, em recuperar valores, que parecem se perder a cada dia, mas que são inerentes aos seres humanos. A revista fala de sentimentos, de relações entre pais e filhos, entre vizinhos, entre casais e entre o homem e a natureza.

Nessa mescla de modernidade e tradição, consegue transmitir uma atmosfera nostálgica, em que aparecem livros de receitas das avós, diários, fotos antigas na parede, colchas de retalho, cestas de piquenique, em meio a atitudes “descoladas”, como reciclagem do lixo, consumo consciente e reaproveitamento.

CONCLUSÃO

A pretensão deste trabalho é mostrar como, na revista *Vida Simples*, a imagem e a escrita se combinam para produzir sentidos e chamar a atenção do leitor, a fim de com ele estabelecer um vínculo. Além disso, considerando-se as modificações observadas na revista em razão do tempo, visou-se também identificar os discursos, vozes e sujeitos-leitores presentes, mesmo que implicitamente, nos textos da revista.

Na fundamentação teórica, buscamos esclarecer noções de Análise do Discurso, Semiótica e Multimodalidade que nos permitissem caminhar com maior segurança no momento da análise. Conceitos como sujeitos, sentidos, efeitos de sentido, condições de produção dos discursos, formação discursiva, compreensão, texto e discurso, assim como relação triádica dos signos, ícone, índice e símbolo, linguagem multimodal e construção espacial dos sentidos, constituíram o arcabouço teórico sobre o qual nos debruçamos para melhor abordar o tema.

Na parte destinada à análise, após ser feita uma apresentação, em linhas gerais, do objeto de estudo, procura-se detectar os mecanismos de produção de sentidos em jogo na revista. A partir da comparação entre as capas das primeiras edições e o novo conceito de capas adotado a partir da edição 12, assim como pelo exame de algumas imagens e trechos das reportagens principais, pretende-se demonstrar de que forma os conteúdos imagéticos e verbais, e também qualquer outro modo de representação presente, contribuíram para o processo de significação da mensagem. Foram feitas também considerações a respeito da seção *Carta ao leitor* e das cartas dos leitores, que mostraram como se dá a relação da revista com os leitores.

Finalmente, no intuito de se fazer uma leitura multimodal, entre tantas outras possíveis, busca-se ampliar o olhar para perceber as diferentes naturezas de linguagem e a multiplicidade de códigos semióticos que se apresentam na revista.

A primeira questão de pesquisa estabelecida diz respeito ao texto visual aliado ao verbal funcionando como efeito de sentido na revista *Vida Simples*. Verifica-se que essa multimodalidade é usada como mecanismo para atrair a atenção do interlocutor e para estabelecer um vínculo com ele, exigindo-lhe uma atitude responsiva.

Pôde-se verificar por meio da análise da revista que a imagem exerce, de fato, grande poder de atração e que tudo contribui para a construção dos sentidos. Foi possível perceber que, para se fazer uma leitura mais ampla do texto, é preciso considerar a multiplicidade de códigos semióticos, levando em consideração desde os espaços deixados propositalmente em branco — espaços que significam porque se contrapõem ao excesso de informações visuais a que estamos expostos —, as cores e os tipos de letra até a escolha das palavras e os recursos lingüísticos utilizados.

Percebeu-se ainda que os vários recursos utilizados pela revista para criar uma atmosfera mais lúdica também colaboraram para atrair a atenção do leitor. Além disso, foi possível evidenciar que a diagramação, com sua limpeza gráfica, letras em tipo fino e espaços deixados em branco, provoca um efeito *clean*, o que deixa as páginas mais leves e organizadas e a leitura prazerosa.

O novo conceito de capa que a revista passou a apresentar, a partir da edição 12, foi um outro elemento analisado. Além de ser inovador, tornando-a diferente das demais, esse elemento promove, em razão de apresentar imagens com menor poder referencial e maior poder sugestivo, o que se chama de suspensão icônica. Demandam-se inferências do leitor, tornando, com isso, a interpretação mais demorada e causando maior curiosidade para se

desvelarem os sentidos. Após fazer suas deduções, o leitor recorre, então, ao texto verbal, no caso, a manchete e o seu subtítulo. Foi possível verificar que o verbal se combina ao visual para direcionar a interpretação.

Mostrou-se o grande destaque que é dado à imagem, tanto em função do espaço a ela destinado quanto em razão das idéias criativas, inovadoras e inteligentes de que a equipe da revista se utiliza para ilustrar sua capa e suas páginas, o que demonstra a grande preocupação que tem em relação à beleza visual. Observou-se que é a complementaridade entre o visual e o verbal que permite uma melhor compreensão do texto. Confirmou-se também que é justamente a combinação dos códigos semióticos que possibilita uma leitura mais ampla e torna-a mais atrativa para os leitores.

O texto visual, aliado ao verbal, assim como a recorrência ao lúdico e ao belo, a diagramação, as matérias autorais, os recursos lingüísticos, todos esses mecanismos atuando conjuntamente nas páginas da revista contribuem para chamar a atenção do leitor e com ele estabelecer um vínculo.

Partimos agora para as considerações sobre a segunda questão de pesquisa, que contempla as transformações que a revista *Vida Simples* vem sofrendo no decorrer do tempo, os discursos, as vozes e os sujeitos-leitores presentes, explícita ou implicitamente, nas suas páginas.

No decorrer do tempo, a revista foi construindo uma relação de cumplicidade com seus leitores. O leitor-virtual foi se tornando mais próximo do sujeito-leitor a partir da dedicação empreendida pela revista para melhor conhecer aqueles com quem falava, por meio das cartas e também de um questionário enviado para os leitores em uma das edições, a fim de que dessem informações sobre sua maneira de viver. Principalmente depois da entrega dos questionários (em uma das edições, na *Carta ao leitor*, o editor agradece aos leitores o grande

número de questionários respondidos e enviados à redação), passou a haver maior coincidência entre o leitor imaginado pelo autor e o sujeito-leitor. O resultado disso pôde ser verificado também na seção das cartas. Verificou-se ainda que os autores não só constroem a imagem do leitor mas também a imagem de um mundo em que ele gostaria de viver, assim como os próprios autores e editores. O tom autoral das reportagens, nas quais muitas vezes o jornalista usa a primeira pessoa do singular para relatar suas experiências pessoais, permite que se ouça a voz da pessoa que está por trás daquela informação.

Desde a primeira edição da revista, é possível observar também que os jornalistas são portadores das vozes de especialistas, aos quais recorrem para obter as informações de que necessitam para redigir a matéria. Eles escrevem seus textos respaldados em pesquisas e depoimentos de professores de Sociologia, Psicologia, Antropologia, Filosofia, Medicina, estudiosos de tradições milenares, entre outros. Há, portanto, uma interação com diversas áreas do conhecimento.

Estão presentes ainda nas páginas da revista desde pensamentos de filósofos da Antigüidade até ditos populares. Ao mesmo tempo em que não deixa que caiam no esquecimento as sabedorias populares e antigas, a revista é propagadora dos novos movimentos que surgem na atualidade.

No que se refere ao discurso, pode-se dizer que as belas imagens e as criativas ilustrações, com certeza, atraem a atenção do leitor, mas os temas abordados também. Constatou-se que o discurso predominante na revista é o politicamente correto, por meio do qual se demonstra grande preocupação com o social, com o coletivo, propondo-se uma mudança de atitude que beneficie, ou deixe de prejudicar, não apenas cada um individualmente, mas a sociedade em geral e o meio em que vivemos. A revista privilegia certos modos de ser: preocupar-se com um consumo inteligente, com o exercício do papel de

cidadão, com o uso de produtos de empresas que demonstram preocupações sociais. Defende-se a busca por uma melhor qualidade de vida, aliada ao resgate de valores do passado e à volta a um estilo de vida que valorize o essencial, que reverencie a terra e o contato com a natureza.

Podem-se perceber também os vestígios, não se sabe se intencionais ou não, da linguagem de auto-ajuda, com a apresentação de receitas e fórmulas “mágicas” para que as pessoas consigam mudar de vida e ter uma vida mais feliz e saudável.

Levando-se em consideração a vida conturbada em que estão inseridos os indivíduos modernos e confrontando-se *Vida Simples* com outras publicações, pode-se perceber que a revista pretende brindar o leitor com uma pausa na correria, um respiro, um refrigerio. Ela se comunica com essa dualidade e contradição em que vive o homem moderno, que quer, ou precisa, ou acha que precisa absorver o maior número de informações possível, que tem que ser competitivo para alcançar seu espaço, que é bombardeado por notícias sobre violência e corrupção, que vive nessa instabilidade a que todos estão sujeitos na atualidade, em razão das mudanças que ocorrem a uma velocidade superior à capacidade do homem de acompanhá-las. Por outro lado, apesar de se sentir ameaçado pelas novas tecnologias e pelas mudanças que elas acarretam, o ser humano não quer abrir mão de todas as maravilhas proporcionadas por elas. Tudo isso gera medo, ansiedade, depressão, estresse.

Diante de todas essas sensações, essas contradições e essa mistura de sentimentos, surge a necessidade de um discurso que pregue a descomplicação da vida, a pausa, o descanso. É estabelecido, também, um conflito: o senso-comum, o viver como a maioria das pessoas vive, a legitimação do que já está naturalizado *versus* a busca de alternativas, a mudança de atitude. Nesse contexto de produção de discursos, *Vida Simples* reproduz aquele sujeito que busca alternativas, ainda que isso represente, de algum modo, uma volta ao

passado. Seria aquele “passo atrás” que significa dois passos à frente para se conquistar uma vida melhor.

Desse modo consideram-se atingidos os objetivos deste trabalho, que se mostrou um prazeroso exercício para o desenvolvimento da percepção do olhar. No momento em que vivemos, em que não temos tempo para nós mesmos, muito menos para os outros, em que o campo está mais distante, o verde está mais raro, os valores éticos estão se perdendo e as pessoas estão se esquecendo do que é realmente essencial, *Vida Simples* nos mostra que é possível prestarmos mais atenção em nós mesmos, tentarmos nos conhecer melhor, buscarmos uma vida com mais qualidade e saúde, darmos mais atenção ao outro, fortalecermos relações pessoais, praticarmos o bem, resgatarmos os valores do passado e valorizarmos pequenos gestos.

A revista nos propõe experimentar novas maneiras de viver e apresenta-nos, para tanto, sugestões, ferramentas e exemplos que podem nos motivar. Cabe-nos estar abertos para receber essas sugestões e lembrar que podemos começar pelos pequenos gestos. Cabe também sermos críticos quanto ao conteúdo veiculado, conhecendo os mecanismos de produção de sentidos e proliferação de discursos, para que tenhamos nossas próprias opiniões, especialmente sobre nosso próprio estilo de vida e sobre o que pensamos ser uma vida simples.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BRANDÃO, Helena H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2004.

DINES, Débora. Você tem fome de quê? *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 3, p. 34-41, abril, 2003.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GRIGOLETTO, M. A desconstrução do signo e a ilusão da trama. In: ARROJO, R. (Org.). *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992. p. 31-34.

KOCH, Ingedore V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KOSTMAN, Ariel. Saia de cena. *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 37, p. 28-37, jan. 2006.

ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005a.

_____. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez; Campinas: Unicamp, 2000.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005b.

PETTA, Eduardo. A coisa mais natural do mundo. *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 28, p. 30-35, maio, 2005.

ROCHA, Harrison da. *Repensando o ensino de Língua Portuguesa: uma abordagem multimodal*. 2005. 143 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Departamento de Lingüística, Línguas Clássicas e Vernácula, Instituto de Letras, Universidade de Brasília.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é Semiótica?* São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *Semiótica aplicada*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

VERGARA, Rodrigo. Você tem cinco minutos? *Vida Simples*, São Paulo, Ed. 20, p. 22-29, set. 2004.

Anexo 1: Cartas dos leitores 1

cartas VOCÊ ESCREVE



“Fico feliz em saber que existe uma revista com textos objetivos e inteligentes, sem jamais serem apelativos”

Sandra Regina Cozeno, *por e-mail*



DESCUBRA SUA BELEZA

Na mesma semana em que a maioria das revistas trazia reportagens sobre dietas de inverno, dicas para lidar com a barriguinha indesejada e outros temas “importantes”, VIDA SIMPLES nos brinda com o tema “beleza” de uma forma tão delicada e verdadeira.

Lucelia Uauriquio
Curitiba, PR

Leio a revista desde o primeiro número, coleciono todas e, sempre que tenho um tempinho, releio as minhas reportagens prediletas. Tenho o hábito de ler a revista de trás para a frente, ou seja, começo com o poema e logo em seguida leio os quatro colunistas. Ao abrir a revista de agosto para começar minha leitura, fiquei surpreso por não ver as fotos dos meus queridos colunistas. A idéia de colocar as fotos de todos os colaboradores da revistas na reportagem de capa foi genial.

Renata Vitorino
por e-mail

MENOS É MAIS

Nunca escrevi uma linha sequer para revistas ou jornais que leio, mas VIDA SIMPLES me emocionou. Ela me ajuda a perceber que menos é mais e que a simplicidade e a espontaneidade são o caminho para a felicidade.

Alex Theodoro
Aracruz, ES



ACUPUNTURA

A reportagem “Tratamento de Ponta” aborda a acupuntura de forma clara e mostra seus benefícios. A cada mês VIDA SIMPLES me surpreende mais.

Cesar Lacerda
Balneário Camboriú, SC

ADOÇÃO DE CÃES

Uma vida mais proveitosa inclui o cultivo de sentimentos nobres, como a bondade e a compaixão. A sempre delicada VIDA SIMPLES mostrou isso muito bem na edição de agosto com o texto sobre a adoção de maravilhosos vira-latas.

Paula Germann
Rio de Janeiro, RJ

SURPRESA

Sou estudante de marketing e recentemente realizei um trabalho sobre as revistas disponíveis no mercado. Estava preocupada com a qualidade e a poluição visual das publicações pesquisadas – quando deparei com VIDA SIMPLES. Que maravilha de conteúdo e arte.

Christina Gratz
São Luís, MA

BOA LEITURA

Posso afirmar categoricamente que, dentre todos os anos da minha vida, em momento algum obtive tanto prazer ao ler algo tão contagiante quanto essa revista.

Rosângela Kehrig
Marília, SP

PAIXONITE

VIDA SIMPLES é informativa, poética e delicada. Fala em como cuidar melhor do corpo e da alma, com dicas fáceis de implementar no cotidiano. Comprei a revista às 8h e às 10h já a tinha lido toda, de tão fascinante que é.

Thais Galvão
por e-mail

SIMPLES ENGANO

Na edição de agosto, a última página da reportagem “Não é o que você vê” saiu com o número 25. O correto é o número 27.

Envie comentários e sugestões pelo e-mail vidasimples@abril.com.br ou fax (11) 3037-5891, com seu nome completo, profissão e cidade de origem.

Anexo 2: Cartas dos leitores 2

cartas VOCÊ ESCREVE

**DEIXE-SE EM PAZ**

Achei que a reportagem fosse mais um amontoado de clichês a respeito de estar em paz ou conseguir esse estado. Menosprezei a revista. Mas li o texto inteiro. Coisa rara com minha falta de tempo. Quando quase desconcentrei, aceitei a sugestão da autora de “saborear, nem que por um minutinho, a tranquilidade de estar concentrado em apenas uma tarefa”. Adorei. O artigo é claro, coerente, consistente. Ajuda a pensar maneiras de manter a “vida simples” (justifica o nome da revista mas sem trocadilhos) e tentar viver mais e melhor.

Adriana Carui,
São Paulo, SP

BRINQUEDO DE CRIANÇA

A reportagem “Baú de brinquedos” respondeu minhas dúvidas do momento. Sou tio novato há apenas seis meses e já estava pensando em quais brinquedos deveria comprar para Maria Eduarda.

“Todos buscam a paz, mas ninguém tem fórmula pronta de como encontrá-la”

Gláucia Lima, *por e-mail*

Eu era totalmente contra a compra de bonecas e utensílios de cozinha, achava que a criança não deveria desde pequena aprender a ser mãe e dona de casa. Depois que li a reportagem e a opinião dos especialistas, percebi que não devo influenciar na escolha dela, pois a maneira de brincar do meu ponto de vista definitivamente não é o mesmo que o dela. Mais um texto simples e útil, de leitura agradável.

Rogério Gimenez,
por e-mail

**SUJEIRA BOA**

Gostei muito da reportagem “Pé na lama”, sobre se sujar sem ficar se preocupando tanto, aproveitar o momento. O legal é que fui para a praia e fiz algo que não fazia desde que era criança. Sentei na beira da praia, na areia, e esperava uma onda ou outra chegar até mim. Fiquei ali por algum tempo, admirando o mar, pensando no quanto é gostoso ficar sem fazer nada, só curtindo. E sabe de uma

coisa? Foi maravilhoso, realmente revigorante, saí de lá com uma sensação de paz e as baterias recarregadas.

Tathiana Jinno,
por e-mail

AMIZADE

Gostaria de sugerir uma reportagem sobre a importância da amizade verdadeira, do amor fraterno e da boa influência que recebemos dos verdadeiros amigos. Sugiro essa reportagem porque estou sentindo na pele esse efeito desde que conheci Diego Durval, um amigo que, com sua atitude e seu exemplo de simplicidade e amor, tem me ajudado a ser uma pessoa muito melhor, mais feliz e mais consciente do nosso papel nesta Terra.

Henry A. Santana,
por e-mail

SUGESTÃO

Adoro as fotografias, as idéias criativas para ornamentar as reportagens e cada minucioso detalhe que só faz deixar mais fantástica esta revista. Mas acho que falta uma seção que interaja mais com os leitores. Poderia haver um espaço para textos, fotos, cartas, informações e até divulgação da boa arte e criatividade de seus leitores.

João Faissal,
por e-mail

Envie comentários e sugestões pelo e-mail vidasimples@abril.com.br ou fax (11) 3037-5891, com seu nome completo, profissão e cidade de origem

Anexo 3: Onde está o ano?

atitude



As lembranças bagunçadas atrapalham, incomodam. Para resolver esse problema o melhor a fazer é limpar os escaninhos

52 vida simples



Anexo 4: Onde está o año de novo?

entendimento

